

A man in a dark suit and white shirt is shown from the chest up, holding a handgun in his right hand. He is looking down at the gun. The background is a dark, crowded scene, possibly a concert or a protest, with many people visible in the lower half of the image. The lighting is dramatic, with a strong light source from the left illuminating the man's face and the crowd.

Provocado
...por
LIZZY

93 million miles | Spin-off

ALINE PÁDUA



Provocado... por Lizzy
93 Million Miles Spin-off
Aline Pádua

Copyright 2018 © Aline Pádua
1º edição – setembro 2018

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. Proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Revisão e diagramação: Aline Pádua
Ilustração: Queen Designer

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Nota da autora](#)

[Playlist](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Recadinho](#)

[Contatos da autora](#)

Sinopse

Joshua Leonard Collins teve sua estadia no próprio inferno quando perdeu sua esposa em um acidente de carro. Porém, mesmo com as feridas em seu peito, ele nunca deixou de acreditar, que um dia, seria capaz de ser feliz novamente. Joshua não era o tipo de homem que aceita algo pela metade, ele quer tudo... E por isso, acabou fazendo sua melhor amiga enxergar que um casamento entre eles, não os faria se apaixonar, e sim, poderia apenas os deteriorar. Mas como tudo na vida tem um propósito, ele ter saído de Baltimore, não seria diferente. Teve essa certeza, no momento em que seus olhos encontraram os de Lizzy.

Elizabeth Hall Willians tinha a certeza de uma coisa em sua vida: relacionamentos são complicados. No auge dos seus vinte e dois anos, ela apenas se concentrava em dar o melhor nos estudos e se tornar advogada. Porém, um acaso acaba por atingir em cheio sua vida, quando o ex-noivo de sua tia, acaba levando-a ao limite, e mostrando que uma aventura fora de sua rotina milimetricamente calculada, não seria nada demais.

Porém, o que fazer quando essa aventura é o suficiente para mudar sua realidade, e traz a tiracolo um teste positivo para gravidez?

Como uma mulher que nunca quis se relacionar, encarará o fato de estar eternamente ligada ao homem que é o oposto de si?

Como um homem determinado, lidará com o fato de se apaixonar novamente e não ser correspondido?

Afinal, o amor é assim tão complicado?

Nota da autora

Esse livro é um spin-off da série 93 million miles, contando a história de Elizabeth, filha do casal principal do livro 2. Pode ser lido independentemente.

Boa leitura!

Playlist

Bailando – Enrique Iglesias feat. Descemer Bueno y Gente de Zona

Barquinho de papel – Anavitória

Boys like you – Anna Clendening

God is a woman – Ariana Grande

Head over feet – Alanis Morissette

Heaven – Julia Michaels

I don't wanna live forever – Taylor Swift feat. Zayn

I hate u I love you – Gnash feat. Olivia O'brien

Jealous – The Labrinth

Love on the brain – Rihanna

Pillowtalk – Zayn

Rare – Ruth B.

Smoke & Mirrors – Demi Lovato

Sober – Demi Lovato

Stone Cold – Demi Lovato

Tell me you love me – Demi Lovato

Touch – Little Mix

We found love – Rihanna feat. Calvin Harris

X (Equis) – Nicky Jam feat. J Balvin

You don't know – Katelyn Tarver

Prefácio

“Obrigada por insistir para eu voltar pra você, para eu deixar de ser adolescente e aceitar uma vida a dois, uma família, uma serenidade que eu não suspeitava. Eu não sabia que amava tanto você e que havia lhe dado boas pistas sobre isso, como é que você soube antes de mim?”

Martha Medeiros

*Para todos os corações que prezam pelo destino, mas que optam
por fazer sua escolha.*

Dedicado a Hilana Silva e Kamila Marques.

Prólogo

“You and I and nobody else
Inner feelings I never felt
The way you got me under your spell, uh
Don't you keep it all to yourself.”^[1]

Lizzy

Prepotente!

Não existia definição melhor para o cara na foto. Quem ele pensava que era? E melhor, como se atrevia a me mandar mensagem? Virei guardiã de minha tia, de trinta e seis anos desde quando?

Cliquei na foto dele e a analisei mais uma vez. Torci o rosto numa careta, minha tia só podia estar fora de sua mente. Como ela podia estar noiva de um cara como aquele?

Gostoso? Lindo? Sorriso perfeito?

Revirei os olhos para minha própria mente. Ele estava mais para um arrogante, via claramente na foto. Só não sabia como expressar ao certo minha indisposição para com ele. Simplesmente era assim, desde o momento em que minha tia mandou uma foto daquele cara, mostrando que acabara de ficar noiva.

Ignorei a mensagem dele, onde perguntava a respeito de Mary. Ele que se virasse, ela era noiva dele, não minha. Porém, no fundo, eu torcia para que ela estivesse nos braços de Damien. Acho que ali se instaurava minha raiva por aquele homem, sendo que sequer o conhecia. Era uma história de amor complicada, entre minha tia e meu melhor amigo, que tinham uma diferença considerável de idade, porém, nada alarmante. Ela o deixou no passado e simplesmente desaparecido no mapa, aparecendo vez ou outra em Montpelier^[2], e apenas me mandava mensagens. Mesmo assim, era uma das pessoas mais importantes de minha vida.

O que me fazia chegar na questão do tal Joshua. *Deus, até o nome dele era prepotente!* Joshua Collins estava mais para uma pedra no sapato, pois atrapalhava consideravelmente o futuro perfeito que pensei para tia Mary e Damien. Eles mereciam ser felizes!

— Lizzy, você está com sérios problemas! — falei sozinha, e fui em

direção a cama.

Meus pais queriam reunir a grande família 93 million miles, que era há muitos anos a banda de rock mais reconhecida e aclamada. Luke – meu pai, Nick e Tim fechavam o trio dos rockeiros mais desejados das últimas décadas, fora Gabe, o antigo empresário deles, que também era cobiçado. Porém, todos já tinham sido fisgados há muito tempo, resultando na grande família 93 million miles. A qual englobava a minha geração, seus filhos.

Seria mais um final de semana de todos juntos em Malibu, na casa de Nick e Selenia, era a prova daquilo. Porém, andava sem ânimo algum. Queria era me enfiar debaixo de um cobertor com um bom livro, de preferência com um mocinho bem príncipe para me apaixonar. Ali, era o único momento que abria meu coração. Optei então por convencer meus pais, e enganei de propósito Mary, dizendo que viajei, apenas para que ela ficasse com a casa de meus pais toda para si, e quem sabe, o mais recém-chegado, e nosso antigo vizinho (e seu grande amor), Damien passasse por lá. Era com toda certeza a fã número 1 daquele casal. E faria o que pudesse para juntá-los mais uma vez.

Meu celular tocou e bufei, voltando a passos lentos para o sofá disposto de forma criativa no imenso quarto de hotel. Talvez fosse minha mãe, como sempre perguntando se comi algo, sendo que o que mais fazia da vida era me empanturrar de comida. Assim que peguei o celular em mãos, notei a chamada perdida e o nome de George Maxine, o filho mais velho de Valerie e Tim. Ele com toda certeza deveria estar querendo saber porque não fui a Malibu, já que adorava saber cada passo meu. Não estava afim de falar com ninguém na realidade, mas assim que o celular vibrou, coloquei na orelha.

— Fala, idiota!

— *Desculpe, eu acho que liguei errado.*

Aquela voz... Eu não conhecia. Olhei rapidamente para o visor do celular e quase tive uma síncope. Respirei fundo uma vez, sem conseguir entender como Joshua poderia ter um *timing* de merda como aquele. E agora, além de achar o cara um prepotente sem sequer conhece-lo, o chamei de idiota na cara dura. Tive que gargalhar, porque tudo conspirava a favor de odiá-lo.

— Aqui é Elizabeth Willians. — falei formalmente, e tive certeza, parecia mais uma atendente do telemarketing.

— *Ah, sou Joshua Collins. — Sério? Diga-me algo que não sei! — Sua tia me passou seu número em casos de emergência.*

— Jura? — perguntei descontente. Eu arrebentaria a cara de Mary.
— O que aconteceu?

— *Bom, é que precisava falar com ela a respeito de alguns trâmites do casamento e...*

Ele começou a falar, falar... E apenas consegui prestar atenção no tom sexy e rouco da voz. Deixei o celular de lado por um instante, e me sentei no sofá, batendo a mão com força contra minha testa. Onde eu estava com a cabeça? Eu odiava o cara por estar estragando o meu casal número um, e agora, parecia seduzida pela voz dele. Eu estava realmente na merda!

— *É isso. — ele terminou de falar, não fazia ideia do que, e me senti ainda mais perplexa. Ele me distraiu, apenas com um telefonema. — Pode avisá-la?*

— Claro. — respondi rapidamente, e tentei me recompor. — Até mais, Joshua!

Sem lhe dar chances para responder, desfiz a chamada, e voltei a encarar o teto. Que merda tinha acontecido?



Desci para o restaurante do hotel e pedi uma comida leve. Olhava ao redor e agradecia por estar praticamente vazio. Aquele era um dos poucos locais onde poderia ficar à vontade. A realidade em ser filha de um astro de rock era geralmente contraditória. Ao mesmo tempo que era incrível ter um pai famoso, que ainda por cima, viajava o mundo, a parte de ser conhecida era um grande balde de água fria.

Os tabloides adoravam falar a respeito dos *filhos do rock*, como se fôssemos algum tipo de promessa. Eles acabaram se decepcionando e muito, já que de todos os filhos da 93 million miles, apenas Penelope se interessava pela música. O restante era mais contido, ou como eu, que os mandava a merda. Papai dizia várias vezes que era da mesma forma, e por isso me entendia perfeitamente. Já minha mãe faltava puxar minha orelha nos momentos em que acabava soltando o verbo para algum imbecil. O problema era que mesmo querendo, não conseguia me controlar na maioria das vezes.

Aquilo era algo a respeito de minha personalidade forte, segundo

vovó. Era como uma mistura estranha de Nora Hall e Luke Willians. Encostei-me contra a cadeira, mexendo em meu celular, e não sei porquê, abri mais uma vez o contato do tal Joshua. Algo sobre ele me intrigava, porém, não saberia dizer ao certo. Ele era bonito, tinha que admitir, os cabelos castanhos claros combinavam perfeitamente com os olhos mel, e ainda mais com a pele bronzeada.

Esqueça isso, Elizabeth!

Suspirei, deixando o celular de lado e levantei o olhar, mais uma vez olhando ao redor. Assim que me deparei com costas másculas dentro de uma camisa azul clara, senti-me em alerta. Algo naquele cara me chamara atenção, e não sabia explicar, mas sequer necessitava. Ele estava de costas, conversando com a mulher no balcão de pedidos, como se escolhendo o que pedir.

Ele então virou um pouco de lado e abriu um leve sorriso. *E que sorriso!* Respirei fundo e tentei me controlar. Eu não era uma santa, bem longe daquilo, porém, ainda assim, aquele não me parecia um cara qualquer. Foi quando ele virou o olhar, acho que buscando uma mesa, que quase afundei dentro do assento da cadeira.

Era Joshua... O noivo de minha tia.

Fiz-me de burra e olhei a redor, em seguida peguei o celular mais uma vez. Aquilo só poderia ser uma brincadeira de mal gosto do destino. O cara infernizava minha cabeça há poucos segundos, e agora, aparecia na minha frente? Algo no cosmos estava muito errado.

Comecei a passar as fotos no instagram, tentando fingir que não o conhecia, e torci internamente para que ele não me reconhecesse. Quem sabe ele sequer olhou minha foto de perfil? E mais, minha tia não tenha mostrado fotos de família?

Engoli em seco no instante que notei dois sapatos italianos pararem ao lado de minha mesa. Levantei o olhar vagorosamente, sem conseguir não o medir, e a cada centímetro que desvendava, meu coração parecia querer saltar da boca. Foi quando encontrei os olhos cor de mel, e mais uma vez, senti uma raiva se apoderar de meu corpo.

Ele era realmente cerca de quase dois metros de prepotência.

— Elizabeth, não é? — ele perguntou, naturalmente. Parecendo completamente alheio a meu estado, e como um cavalheiro, estendeu-me a mão. — Sou Joshua, noivo da sua tia.

Respirei fundo, e lhe estendi a minha, tentando parecer educada. Foi

quando toquei sua mão e aquele arrepio que se instaurara em mim apenas por vê-lo, se espalhou por todo meu corpo. Fechei os olhos por um segundo, lembrando de quem eu era. Não era uma mocinha apaixonada de livro! Muito menos a que quer o homem prepotente!

Assim que o encarei novamente, não soube o que dizer. O sorriso era ainda mais perfeito ao vivo, na realidade todo ele. Finalmente, recordei-me quem eu era. Era Elizabeth Willians, e estava muito *ferrada* a partir daquele momento.

Capítulo 1

“You, you love it how I move you
You love it how I touch you
My one, when all is said and done
You'll believe God is a woman.”^[3]

Dias depois...

Lizzy

Olhei em direção as várias pessoas sentadas na cafeteria e segui para o meu lugar favorito, praticamente escondido de todos. Deveria aprender a ser menos antissocial como diria minha mãe, porém, aquele lado era completamente culpa de meu pai. Tal desculpa, era a forma de escapar de alguma intervenção de minha família. Que em algum momento cogitou me dar um ano pela Europa, apenas para conhecer pessoas novas. Se nem mesmo na cidade onde cresci me sentia à vontade para conhecer, imagine fora de minha zona de conforto?

Abri o notebook sobre a mesa e digitei a senha. Um jovem simpático parou ao meu lado e me perguntou o que queria. Pensei um pouco e optei por um cappuccino. Enquanto esperava minha bebida ficar pronta, coloquei os fones de ouvido, sem ainda ligar a música e comecei a ler alguns casos jurídicos famosos. Era aquilo que fazia. Dentre alguns meses começaria mais três anos de vida acadêmica, para assim me formar no que tanto almejava – direito.

Em menos de dez minutos meu cappuccino ficou pronto e deixei a música tocar, enquanto tentava entender algo mais sobre meu curso. Mas a cada palavra que lia, era como a se a próxima embaralhasse minha mente. Tentei por mais alguns minutos, cerca de vinte, e me dei por vencida, fechando a página. O que estava acontecendo comigo, afinal?

A resposta era fácil e simples. Dois nomes comuns, que não tinham nada a ver como o homem que povoava meus sonhos. Aquilo era uma verdadeira *merda*. Joshua Collins parecia querer me infernizar, mesmo sem sequer saber daquilo. Levei as mãos à cabeça e respirei fundo. Não era nada daquilo! Não podia me interessar por aquele homem, justo ele, que era completamente proibido.

— Se concentra, Elizabeth!

— Acho que você tem alguma mania sobre falar sozinha.

Não, não podia ser *aquela* voz!

Levantei meu olhar a contragosto e não consegui disfarçar um suspiro ao encontrar aquele homem a minha frente. O que Joshua fazia ali?

— Posso denunciá-lo por perseguição? — forcei um sorriso em meio a pergunta e me acomodei ainda mais no banco estofado, sem querer lhe dar ideias de sentar. Já me bastava aquele almoço constrangedor ao lado dele, onde tentei a todo modo parar de secá-lo. Não obtendo muito sucesso, o que tornara tudo ainda pior.

— Te garanto que são coincidências. — levantou a mão para o alto em claro sinal de rendição. — Como vai, Elizabeth?

A forma como ele falava meu nome... Até aquilo era sexy como inferno. Pisquei algumas vezes tentando encontrar minha sanidade perdida desde o momento em que vi sua foto. Porém, assim que foquei novamente em seus lábios carnudos, e foi como o ar ficar rarefeito. Me senti uma completa idiota.

O homem estava parado ao meu lado, em pé, com as mãos nos bolsos, claramente tranquilo. Enquanto por dentro, eu parecia um vulcão em plena erupção. Tudo o que passava por minha mente, era a respeito de puxá-lo pela camisa social de cor branca e lhe beijar, até marcá-lo por completo. Desde quando fiquei tão possessiva por um homem?

Um homem que sequer me pertencia. E ainda por cima estava noivo... de uma das mulheres mais importantes da minha vida.

— Posso me sentar?

Não!

O grito interno reverberou por meu corpo, mas a boa educação de mamãe veio com força, e apenas assenti. Preparada para sair dali em menos de cinco minutos.

— É a melhor amiga de Damien, certo? — perguntou de repente, e o encarei pasma.

O tema da conversa seria aquele?

— Não me olhe assim. Eu sei bem sobre ele... Mary sempre falou a respeito dele, ela o ama. — arregalei os olhos e não consegui disfarçar meu desconforto. — Nosso casamento era mais uma tentativa para que ambos fôssemos felizes num relacionamento amoroso, já que sempre nos demos bem.

— Era? — deixei a pergunta escapar por meus lábios e ele sorriu sem graça. Um sorriso claramente perdido.

— Terminamos o noivado, e provavelmente, Mary está nos braços do seu amigo. — confessou e ao contrário de ficar em êxtase por minha tia e melhor amigo, senti um certo incômodo ao olhar para o homem a minha frente.

— Você está bem? — perguntei, e foi sua vez de arregalar os olhos. — Olha, não somos amigos, na verdade, somos quase desconhecidos, mas se sentou aqui comigo e começou a falar... Digo, me vi no direito de perguntar e... Ok, eu sou péssima falando. Melhor apenas ouvir.

Ele então abriu um largo sorriso, e me deixou de joelhos, claramente perdida por sua beleza. Que parecia dominar tudo ao redor.

— Você me faz rir, Elizabeth! — quis gritar para que não me chamasse pelo nome, já que algo dentro de mim se remexia com aquela simples palavra saindo de sua boca. Apenas conseguia imaginá-lo me chamando em momentos íntimos. *Íntimos* até demais. — Mas digamos que desde que te vi, senti certa confiança... Não sou de me enganar com as pessoas.

— Psicólogo, não é? — perguntei rapidamente, tentando fugir daquela conversa estranha. Caminho perigoso, eu sabia. — Deve ser perfeito para analisar pessoas.

— Nada de perfeição, está mais para muitos anos de estudo e vários pacientes... Cada caso é um caso.

— Imagino que seja. — na realidade, não imaginava nada. Apenas não sabia mais o que dizer, ao olhar para o homem a minha frente, que parecia enraizado em minha alma de repente.

Precisava sair dali, imediatamente!

— É, eu sinto muito mesmo, Joshua! — falei sem jeito, e fechei a tela de meu computador. — Espero que fique bem.

Levantei-me e coloquei o notebook na bolsa, sem sequer olhá-lo. Olhar era praticamente um pecado. E pior, meu pecado agora era um homem solteiro. Precisava correr para longe, antes que cometesse alguma loucura.

— É, adeus! — falei e sorri, sem olhá-lo uma última vez. Deixei alguns dólares sobre a mesa e simplesmente saí.

Quando finalmente cheguei ao estacionamento, e encontrei meu carro, permiti-me respirar novamente. Estava ficando louca com toda

aquela situação. Sentia-me presa em uma das histórias que minha mãe escrevia, e que eram sucessos mundiais. Além de me recordar por completo da forma como ela contou que se sentiu presa a meu pai no momento em que conheceu, a atração forte que sentiram. Não podia estar realmente me comparando a tal situação!

Destravei o carro, no momento em que senti uma mão no meu braço, e acabei derrubando a chave no chão.

— Merda!

— Desculpe, eu não quis te assustar.

Aquela voz novamente...

— Agora se tornou perseguição. — soltei de uma vez, já esgotada por aquela sensação sufocante sempre que o tinha em torno de mim.

Agachei-me para pegar a chave, no mesmo instante que ele também o fez. De alguma forma maluca, seguíamos o roteiro de um livro de romance clichê, já que assim que toquei a chave, ele também o fez. Nossas mãos se tocaram, e uma descarga elétrica percorreu todo meu corpo. *Não!* Joshua era como um desvio no caminho. Um belo e pecaminoso desvio.

Abaixei o olhar no momento em que me senti presa a ele, e tentei disfarçar meu incômodo. Coloquei-me ereta, assim como ele fez segundos depois, e tentei puxar minha mão da sua, porém, ele não permitiu.

— O que está fazendo? — perguntei já irritada, e tentando me controlar.

— Enlouquecendo.

Não entendi o que queria dizer e tentei mais uma vez puxar a mão, porém, com a força que fiz, um simples puxão dele, e estava em seus braços. Ali, encontrei todo o perigo que devia evitar. Tudo ainda mais de perto, cada pedacinho de sua beleza. Eu estava nos braços do homem prepotente que devia evitar. Joshua vinha com uma placa neon escrito “perigo”. Mas assim que seus olhos desceram para minha boca, esqueci-me de tudo ao redor.

Devido a nossa diferença de altura fiquei na ponta dos pés e toquei seu rosto, encostando nossos lábios. Foi algo experimental, que por dentro, torci para que fosse um desastre. Mas não foi, nem de longe... E de repente, apenas senti meu corpo sendo levantado pelo seu, e entrelacei minhas pernas em sua cintura. Aprofundamos o beijo, e o toque de nossas línguas, assim como seu toque firme por meu corpo, fez-me arfar. Em menos de um segundo estava sobre o capô de meu carro, e puxei com força seus cabelos.

Eu o queria loucamente. E assim que nos afastamos pela falta de ar, entendi a enrascada na qual me meti. Eu queria aquele homem em minha cama, mas teria que me manter afastada. Tinha uma escolha a fazer, e optei pelo bom senso.

— Preciso ir. — falei, e Joshua piscou algumas vezes, tão afetado quanto eu.

Ele me ajudou a descer do capô e o simples toque em minha cintura, fez-me querer atacá-lo mais uma vez. *Merda!*

Sem dizer mais nada, e sem olhá-lo, entrei no carro. Assim que saí dali, olhei rapidamente pelo retrovisor, e pude ver um Joshua completamente bagunçado e perdido, assim como eu. Ele tinha a mão na cabeça, como se tentasse entender o que aconteceu. Olhei para meu reflexo, onde estava claro que me atraquei loucamente com alguém. Cabelo bagunçado, boca inchada, rosto corado... Estava uma bagunça.

O lado bom daquilo era ter a certeza de que não o veria mais. Ele não era de Montpelier, com certeza voltaria rapidamente para sua casa já que o casamento não aconteceria. E assim, todo aquele incômodo se dissiparia. Joshua Collins apenas seria lembrado pelo amasso sem igual sobre meu carro.

Capítulo 2

“I'm not a sinner
He wasn't the one
Had no idea what we would become
There's no regrets
I just thought it was fun.”^[4]

Lizzy

— Eu sei que devia ter respondido, George. — falei sem vontade, e forcei um sorriso.

Na tela do computador, George demonstrava claramente sua frustração. O que era para ser apenas um final de semana em Malibu, se estendeu para uma semana, e não sabia ao certo por quanto tempo toda a 93 million miles ficaria por lá.

— *Você devia ter vindo para cá, isso sim. — acusou-me e dei de ombros.*

— Felizmente, não sou obrigada a isso. — provoquei e ele bufou, passando a mão pelos cabelos. — Qual é o problema, afinal? Aposto que Pen está aí e te faz companhia.

— *Mas eu sinto sua falta, Lizzy.*

Eu odiava quando ele fazia aquilo. Era claro em seu olhar, o que sempre neguei enxergar, e que nunca poderia retribuir. George era lindo, não podia mentir sobre aquilo. Porém, o limite de nossa amizade era claro, não conseguia vê-lo da forma que queria. Eu prezava por minha liberdade, e não conseguia me imaginar num relacionamento sério com ninguém. Muito menos com o cara que sempre vi como um irmão mais velho. Além de tudo, pela paixão clara que minha melhor amiga Pennelope, sentia por ele.

— Eu também, ursinho. — resolvi provocá-lo com o apelido bobo e ele me encarou chateado. — Agora, preciso ir, antes que que perca a hora.

— *Para que? — perguntou em claro alarde.*

— Surpresa. — pisquei e antes que ele pudesse retrucar, fechei a tela do notebook.

Sorri sozinha, balançando a cabeça e fui em direção a minha cama. Tirei o roupão e coloquei a roupa escolhida para aquela noite. Lembrei-me por um instante, pensando que completavam cerca de cinco dias desde o

momento em que estive nos braços de Joshua. *Mas quem diabos estava contando?* Olhei para meu reflexo no espelho e tive vontade de me esganar.

Desde quando um homem mexia tanto comigo?

A pergunta era tão estúpida quanto minha motivação para sair naquela noite. Eu queria simplesmente tirar o gosto e toque de Joshua de meu sistema, para provar a mim mesma que não passou de um deslize bobo. Era claro, ele não estaria em minha cama, portanto, deveria encontrar um cara que fizesse aquela maldita vontade passar.

Finalizei a maquiagem com um batom vermelho, que realçou ainda mais minha pele morena. Deixei os cabelos loiro escuros presos num coque meio solto com um ar selvagem, e optei pelo vestido preto básico *não tão básico*. Sentia-me sexy e poderosa, e ainda mais, quando coloquei os saltos altos que tanto amava. Estava pronta para o cara daquela noite, e melhor, dançar até esquecer meu próprio nome.



— Y no te voy a negar!^[5] — gritei com a música alta e rebolei tudo o que tinha.

Aquela música mexia com meu interior, tudo em mim parecia em sintonia com a batida, a voz sexy e rouca de J Balvin^[6] e Nicky Jam^[7]. Fechei os olhos, deixando-me envolver, lembrando-me do dia em que esbarrei com aqueles dois deuses do reggaeton. O lado maravilhoso de ser filha de um famoso era poder ter contato com homens tão cobiçados. Suspirei, finalmente voltando a me reconhecer.

“Estamos claro', hey ya (hey ya, hey ya)

No te lo voy a negar (jaja, no te lo puedo negar)

Estamos claro', hey ya (jaja, que estamos claro', que estamos claro')

Sólo déja que yo te agarre, baby

Besos en el cuello pa' calmar la sed

Mi mano en tu cadera pa' empezar como e'

No le vamo' a bajar más nunca mamá (no)

*Ba-ba-ba-ba-baila
Plakata, plakata
Como ella lo mueve, sin para', sin para'
Las ganas de comerte ahora son más fuerte'
Quiero tenerte.”^[8]*

Senti um aperto firme em minha cintura e arfei, embalada naquela música que era sexy como o inferno. Só pelo toque do desconhecido eu já sabia, ele seria a escolha da noite. Senti então sua boca se aproximar de minha orelha e estremeci com a aproximação.

— Y no te voy a negar!

O sussurro rouco fez com que meu corpo todo se acendesse ao passo em que paralisei no segundo seguinte. Reconhecia aquela voz, muito mais do que gostaria. Respirei fundo, tentando voltar a minha sobriedade, porque só podia estar me confundindo e dando jus a alguma loucura de minha mente. De repente a imagem de J Balvin e Nicky Jam se esvaíram de minha mente, e quando me virei para confrontar o homem em minhas costas, fiquei sem palavras.

Não estava ouvindo vozes, e era Joshua Collins mais uma vez a minha frente. Era a terceira, e tinha uma certa teoria sobre aquilo. Se mesmo fugindo de algo, o destino nos colocava frente a frente àquilo, algum motivo deveria que existir.

— Elizabeth. — consegui ler seus lábios, já que a música encobriu sua voz. Por um instante, simplesmente me esqueci de onde estava.

Foquei em seus olhos mel que pareciam querer me comer viva. Toquei levemente em seu peitoral e o vi respirar pesadamente. Ao menos, não estava pirando sozinha. E aquele era o momento certo para começar a jogar. Uma noite e toda aquela atração iria embora.

— Se quiser... — praticamente gritei, e por conta dos saltos, pude ficar a altura de sua orelha. — Pode me chamar de *baby*.

Senti seu aperto em minha cintura aumentar, que me fez arfar, e antes que pudesse provocá-lo novamente, ele subiu a mão para meu pescoço, deixando nossas bocas a um fio de cabelo de distância.

— Menina insolente. — sorri gananciosa diante de seu comentário e mordi o lábio.

Era o fim da linha, eu sabia. Naquele instante, ele literalmente devorou minha boca.



Não sei como chegamos até ali, mas de repente estávamos dentro de um carro. Sentada no colo daquele homem, tudo o que fazia era gemer e pedir por mais, além de enlouquecer a cada encontro de nossos corpos. Não tínhamos tempo para um banheiro e muito menos para um quarto de hotel, e fora ali mesmo, que finalmente nos entregamos aquele desejo incessante. Senti sua boca se apossar de meus seios e tentei raciocinar direito, porém, era impossível, enquanto sentia cada célula de meu corpo a ponto de explodir.

— Olhe para mim.

Não foi um pedido, soou como uma ordem direta, e não soube o que fazer. Nenhum homem, mesmo em meus casos mais quentes se portou daquela forma durante o sexo. Porém, com ele, me senti de igual para igual, no instante em que segurei com força seus cabelos e ele arfou, encarando-me em desafio.

— Eu gosto de jogar, menina.

Se sua voz era sexy falando meu nome inteiro, a forma como o apelido saiu de sua boca, fez-me derreter por completo. Senti meu corpo ainda mais perto do precipício e me contive para não o beijar. Levaríamos aquele momento ao extremo. Além da razão.

— Eu também! Você não faz ideia, Josh. — enfrentei-o, o qual sorriu de lado, com aquele olhar pecaminoso em sua face.

Ele então prendeu minha cintura no lugar, impedindo-me de mexer sobre ele e parando seus movimentos. Soltei um gemido frustrado e ele sorriu roucamente, encarando-me com indecência.

— Quer ganhar ou não, Elizabeth?

— Joshua... — tentei me mover e ele continuou me impedindo. *Eu ia matá-lo!*

— Deixei de ser Josh? — provocou e mordeu levemente meu pescoço.

— Se mexe! — ordenei, olhando-o com raiva. — Agora!

— Só me dizer que quer ganhar junto comigo.

— Vou ter que implorar? — perguntei e aproximei nossas bocas. —

Nunca, baby!

— Isso sim é um desafio.

Ele não desistiria, era claro. Porém, era como uma promessa clara, de algo futuro. Quando menos esperei, ele simplesmente se moveu e uniu nossas bocas. Ali, entregue a aquele corpo talhado para o pecado, e para meu bel prazer, me entreguei por completa. De alguma forma, já sabia, ele ficaria marcado sob minha pele.

Capítulo 3

“Yo te miro y se me corta la respiración
Cuando tu me miras se me sube el corazón
Y en un silencio tu mirada dice mil palabras
La noche en la que te suplico que no salga el sol”^[9]

Joshua

Acordei um pouco desorientado e retesei o corpo no momento em que encontrei uma bagunça de cachos loiro escuros em meu peito. Analisei-a por alguns instantes, sem a coragem de me mover. Ali, em seu sono tranquilo, ela não parecia em nada com a mulher que tirava meu fôlego com aquele olhar verde intimidador. Analisei o pequeno rosto jovem, com a boca carnuda, o nariz perfeitamente alinhado e algumas pequenas pintas que emolduravam sua face. Ela era uma menina, ainda muito jovem que tomou para si, sem ao menos saber, poder sobre meu corpo.

O claro avesso a amor tranquilo e a alguém capaz de demonstrar tal sentimento de forma simples e paciente. Elizabeth Willians era o oposto daquilo. O contrário de tudo aquilo que buscava em alguém. Claramente livre, determinada e destemida, ela era fogo puro. Mal sabia dizer se queimaríamos juntos, ou se ela me consumiria.

Com todo cuidado, tirei-a de meu colo, e me sentei na cama, dando uma olhada para ela, que agora se aconchegava aos travesseiros, e ressonou em seu sonho. Parecia um anjo ali deitada, completamente despreocupada com o mundo ao redor. Porém, assim que aquela boca insolente se abria, ela demonstrava claramente sua personalidade forte.

Levantei-me da cama, e nu, caminhei até o banheiro. Liguei a ducha quente e entrei debaixo, sem saber ao certo o que fazer a partir dali. Faziam apenas alguns dias que rompi meu noivado, e estaria mentindo se dissesse que aquilo me machucou. Sempre soube, lá no fundo, que Mary voltaria para o homem que amava. Apenas acabei concordando com o casamento por motivos satisfatórios para ambos, e que agora, sequer faziam sentido.

Na realidade, tinha um sinal claro em minha mente. Deixar Baltimore para trás, e vir para aquela cidade desconhecida, e permanecer ali mesmo que depois de terminar tudo com Mary, finalmente existia alguma

explicação. Por justamente ter esbarrado na mulher que me hipnotizou desde o primeiro olhar, e começava a enxergar os porquês. Não acreditava em destino, porém, nossos encontros se tornaram grandes coincidências. Existia um motivo claro para todos os encontros com Elizabeth, e após tê-la em meus braços, tive a certeza do porquê ela mexera tanto comigo. Ela era diferente.

Diferente no sentido bom da palavra, daquela forma que nos deixa abismados e ao mesmo tempo curiosos. Ela tinha algo em sua aura, na forma de falar, no jeito de me olhar... Era mais do que simplesmente seu toque. Tinha algo nela que me fascinava, queimava-me para tocar, e que na dose certa, deixara-me a ponto de não querer me afastar. Não mais.

O fato de ela ser sobrinha da minha ex-noiva não me parecia um problema, nem mesmo a nossa diferença de idade, que pelo que pesquisei a respeito, era de quatorze anos. Ainda assim, algo em meu interior acusava que não seria fácil fazer Elizabeth admitir que também sentia aquilo. *Ela sentia, não é?*

Eram muitas dúvidas para um homem que não sabia o que era amar alguém, não depois de tanto tempo e ainda mais pelo fato de nunca ter amado realmente uma mulher daquela forma. Elizabeth era algo inusitado em minha vida, e não partiria tão cedo daquela cidade, a fim de descobrir até onde poderíamos ir.

Ouvi o toque de meu celular e me enxaguei rapidamente, tirando o sabão de todo meu corpo. Desliguei o chuveiro e peguei a toalha que deixara sobre o box e corri para fora, a fim de não acordar Elizabeth. Encontrei o celular jogado próximo ao pequeno closet do quarto de hotel, e atendi prontamente. Olhei de relance para a cama, e ela apenas mudou de posição, mas permaneceu dormindo.

— Alô. — falei, e entrei novamente no banheiro, com a pretensão de não acordá-la.

— *Ei, desaparecido.*

Sorri ao ouvir a voz de Mary, que parecia finalmente feliz depois de tanto tempo. Eu a conhecia muito bem, ainda mais por ter sido seu psicólogo por um tempo, e ter me tornado seu melhor amigo. Ela passou por mais poucas do que boas na vida, porém, seguia firme. Ela era uma mulher forte e incrível, mesmo assim, nunca conseguira ultrapassar a linha de amizade em meu coração.

Aquele pensamento me levava diretamente para Elizabeth. Que em tão pouco tempo parecia enraizada em meu ser.

— Olha só quem fala. — provoquei. — Como andam as coisas, pequena?

— *Bom, Damien é o cara certo. — suspirou e foi impossível não ficar feliz por ela. — Obrigada por abrir meus olhos, Josh.*

— Não me dê todo crédito, com toda certeza, ele não desistiria. — confessei o que pensava. — Já imaginava a cena dele invadindo o casamento na hora do “fale agora ou cale-se para sempre”! — resolvi provocá-la, porém, no fundo, realmente acreditava que ele era capaz de tal coisa.

Ela gargalhou do outro lado da linha e acabei fazendo o mesmo. Claro que sentia falta de nossas conversas, foram anos apenas nós dois, falando a respeito de tudo, e tentando superar nossos demônios. Mas Mary agora estava nos braços do homem que amava, e com toda certeza, se sentia completa. Eles mereciam, depois de tanto tempo separados, ter um momento em sua bolha.

— *Eu só queria saber se está tudo bem, e bom... Saber se pretende ficar por aqui.*

— Ainda estou pensando sobre isso. — fui sincero, e meus pensamentos voaram para a mulher deitada em minha cama. — Mas tenho algumas viagens em mente antes de procurar realmente um lar.

— *Não pensa em voltar para Baltimore?*

— Deixei tudo para trás, Mary. Não é uma cidade que me traga boas lembranças. — tentei não pensar muito a respeito, e limitei as palavras já que Mary conhecia toda a história. — Prometo te avisar quando decidir, fique tranquila.

— *Ok, senhor independente. — brincou. — Me mande mensagem quando precisar, me ligue e...*

— Eu sei que as coisas mudaram, mas nada muda entre nós, Mary. — tentei tranquilizá-la. — Eu te amo, pequena.

— *E eu a você, Josh. — sorri com seu carinho. — Vou fazer algo para comer agora. Prometa que não vai sumir, em?*

— Prometo. — sorri de seu tom acusatório. — Até mais, pequena!

— *Até!*

Desfiz a ligação e deixei o celular de lado. Abri a porta do banheiro e meu olhar correu rapidamente para a cama. Tamanha foi minha surpresa quando não encontrei sequer um sinal de Elizabeth por ali. Andei ao redor de todo o quarto, e como já imaginava, ela tinha ido embora. Parei em

frente a cama, com os lençóis bagunçados por nós dois. Olhei de relance para o criado mudo e fiquei sem reação ao ver um bilhete, e uma nota de cinquenta dólares ao lado.

Obrigada pela noite, espero que esse dinheiro cubra os serviços.

E. W.

Gargalhei, sabendo que aquela mulher não seria fácil... Minha menina insolente. Peguei o bilhete em mãos e caí de costas na cama. Elizabeth me desafiava, mas ao invés daquilo me mandar para longe, apenas me fazia desejá-la ainda mais. Ela não me conhecia, não desistia daquilo que queria. Não mesmo.

Capítulo 4

“Let me just stop trying
Let me just stop fighting
I don't want your good advice
Or reasons why I'm alright.”^[10]

Dias depois...

Lizzy

Voltei para casa no mesmo instante em que saí de seu quarto de hotel. Agora, mesmo após dias, ainda me sentia completamente anestesiada ao lembrar de seu toque. Joshua povoava meus pensamentos e tal coisa me deixava fora de órbita. Tentei convencer a mim mesma do quão patética parecia, ainda mais por aquele homem, que me devorou em um carro e cada canto de seu quarto de hotel, mas ainda era apaixonado pela minha tia.

Tinha como piorar?

Caminhei pela rua distraída e esbarrei sem querer em uma mulher, que sorriu de lado ao me encarar e pediu desculpas, assim como o fiz. Voltei a atenção para meu celular e permaneci andando, e em um segundo a sensação horrível de perseguição se apoderou de meu corpo. Odiava sentir aquilo, e ainda mais, sempre estar certa sobre. Levantei meu olhar, e pelos ombros consegui ver a mesma mulher do esbarrão com uma câmera em mãos. Olhei-a incrédula, e já bufando. Ela o fez de propósito, apenas para ter certeza de que era Elizabeth Willians.

Inferno de paparazzi!

Resolvi ignorá-la a princípio e rumei em direção ao primeiro lugar que encontrei. Felizmente era a livraria que adorava, e na qual passava horas apenas olhando para os livros, sem saber ao certo qual levar, e na realidade, querendo levar todos. Olhei para trás, e a mulher ainda estava em meu encalço. Ela era uma palhaça.

Afinal, o que eles queriam? Eu não era famosa, e sim, meu pai. E como a maioria dos filhos da 93 million miles, minha carreira não tinha nada a relacionado a música. Aquilo parecia instigá-los ainda mais, pois pareciam loucos por notícias inexistentes. Talvez porque esperassem que como da última vez que surtei pela constante irritação, falasse coisas

indevidas e mandasse-os a merda. Porém, aprendi a lição, depois do vídeo horroroso de minha revolta rodar toda internet. Apenas suspirei fundo e fui até o canto mais afastado da livraria, sentando-me numa das mesas para leitura.

A mulher teve a audácia de sentar à mesa a minha frente, e respirei diversas vezes para não perguntar o que *diabos* ela fazia ali, mesmo sabendo bem do que se tratava. Olhei para meu celular e resmunguei um palavrão quando notei mais uma mensagem de Joshua. Ele parecia não se cansar.

Levei as mãos aos cabelos, e encarei todas as mensagens que não respondi. Se passaram dias, e ainda assim, ele insistia. Minha tia assumiu seu relacionamento com Damien para todos naquele período. O que me levava a várias questões acerca de Joshua.

O que ele ainda fazia na cidade?

O que ele queria comigo?

Buscava consolo para os dias solitários?

Uma foda boa o suficiente com o intuito de esquecer Mary?

Olhei para a mensagem e pensei em bloqueá-lo, porém, de alguma forma, não consegui fazê-lo. Era terrível admitir, mas Joshua parecia ter consumido minha mente desde o nosso primeiro beijo, ou pior, desde que vi sua maldita foto. Odiava me sentir insegura sobre algo, e de algum jeito, ele conseguia o fazer. Sentia-me perdida por querer transar com ele novamente, e ainda mais, por começar a me sentir como a segunda opção para alguém.

O que aconteceu comigo?

Olhei novamente para sua mensagem e tentei ponderar os prós e contras de toda aquela situação. Ir para cama com ele desde o começo fora um erro, que por mais gostoso, sentia que me arrependeria. Uma nova mensagem e não consegui responder. Todos os dias ele me ligou e simplesmente rejeitei, em meio a mensagens com fotos do que ele fazia em Montpelier, como um belo turista.

E bota belo nisso!

Suspirei cansada de tudo aquilo, e ainda mais, ao perceber que a mulher permanecia na mesa a minha frente, esperando qualquer situação para poder tirar uma boa foto e ganhar dinheiro. Algo em minha mente estava bagunçado, e não conseguia entender ao certo o que era. Aquela insegurança a muito tempo resguardada, dando o ar de sua graça novamente. Precisava pensar e extravasar toda aquela frustração.

Normalmente eu ligaria para Damien, pediria seus conselhos e teria algum caminho para seguir. Mas aquilo o envolvia de alguma forma, além de que, Joshua era ex da sua mulher, e pior, ainda gostava dela. Penelope era minha melhor opção para desabafar, ainda mais, por saber, que ela jamais me julgaria. Porém, sequer tive cabeça para conversar direito com ela. Minha mãe poderia me ajudar, mas por conta de sua superproteção, resolvi deixar para lá. Era bem capaz de Nora Hall começar a planejar meu casamento.

Perdi a conta de quantas vezes mamãe me entrevistou após uma noite fora de casa, e perguntou todos os detalhes do futuro genro dela. Bom, até hoje, ela não o conhecia. Até porque, ele não existia. Um de seus sonhos era me ver feliz em um relacionamento, apenas para jogar na cara que sempre teve razão. Ela era uma romântica incurável. Respirei fundo e resolvi fazer o certo. Bloqueei o número de Joshua, e levei as mãos ao rosto, totalmente perdida. Por que me sentia tão mal com aquilo?

Senti um toque em meu rosto e pisquei algumas vezes, tentando entender como cheguei a tal situação. Todo meu foco em direito parecia ter evaporado, e a culpa sobre aquilo me atingiu diretamente assim que encontrei os olhos castanhos de George. Ele me saudou com um sorriso ameno e carinhoso, e não consegui explicar o porquê de toda minha fragilidade.

Talvez fosse apenas mais uma fase, já que a vida era repleta delas.

— Ei, o que *tá* acontecendo? — George perguntou com carinho, e tentei buscar as palavras certas.

Não sabia o que ele fazia ali, também por estar evitando ao máximo falar com alguém nos últimos dias. Talvez tudo se devesse ao fato de que aqueles dias pareciam estar sendo carregados, ou melhor, estava apenas sendo levada por eles. Minha vontade era de simplesmente permanecer na cama e ficar olhando para o nada, ao mesmo passo que sentindo o mundo pesar por completo em meus ombros.

Não queria falar, ouvir, conversar, comer... Pensar voltava a ser doloroso, algo que me levava a momentos que não me orgulhava. Toda minha autoestima e certezas sobre a vida pareciam ser levadas embora, junto ao momento em que cedia aos meus maiores demônios, e me permitia sentir nada.

Não sabia definir ao certo o que era pior. O momento em que sentia tudo a flor da pele, e tentava a todo custo não pirar, e cedia a remédios. Ou o momento em que não sentia absolutamente nada, e buscava algum

acalento no vazio do meu quarto, com alguma música de fundo. Era uma dor difícil de explicada, e naquele instante, apenas queria que passasse.

Nunca admiti a ninguém, sequer para meus próprios pais, desde o momento em que fui diagnosticada com depressão e transtorno de ansiedade. O medo era ver a decepção em seus olhos, pois eles eram meu mundo, e não poderia fazê-los sofrer. Muitas vezes, minha mente divagava sobre qual era meu lugar ali e porquê tinha tais problemas. Depois, simplesmente vestia minha melhor máscara, e fingia que o mundo não me abalava. O que não passava de uma grande mentira.

O mundo me abalava.

Tudo me abalava.

Joshua se declarando para outra mulher me abalava.

Um soluço escapou de minha garganta e tentei me controlar, mas já era tarde demais. Foram dias me sentindo daquela forma, rebaixada e subjugada. Levantei meu olhar para George, e num trato silencioso, ele apenas me puxou para seus braços, dando o abraço que tanto necessitava.

E mais uma vez, perdi o controle de meu próprio corpo. Naquele abraço, tentando afastar o aperto no peito, misturado a um vazio sem igual. Senti-me engolida pelos meus piores medos e culpas. A culpa de ter uma família incrível, e mesmo assim, sentir-me só. A culpa de não conseguir controlar minha própria mente.

Capítulo 5

“And you got me like, oh
What you want from me?
(What you want from me?)
And I tried to buy your pretty heart
But the price is too high”^[1]

Joshua

Mais uma mensagem sendo enviada para ela, e como sempre, apenas obtive sua visualização. Respirei fundo, encarando o teto do quarto de hotel, o qual já até se tornou familiar. Sequer saberia dizer como continuava ali, numa cidade até então desconhecida. Porém, bastava olhar para a cama ou qualquer lugar daquele quarto, que as lembranças acerca de Elizabeth me atingiam em cheio.

Nunca imaginei que depois de tantos anos sozinho, em busca do amor, acabaria encontrando-o no lugar que menos esperava. Não seria certo dizer que amava Elizabeth, mas sentia, ao me lembrar de seu olhar, toque, fala e até mesmo, a respiração tranquila durante o sono, que era *ela*. A garota a qual poderia me tirar da escuridão na qual me enfiei, na qual deixei meu coração.

A perda de Faith foi esmagadora, e até hoje, pergunto-me como teria sido caso aquela briga não tivesse existido, e no fim, apenas tivéssemos nos separados. Mesmo sendo psicólogo, vi-me pela primeira vez em um consultório parecido com o meu, mas não como profissional. Foram anos tentando colocar a culpa para fora, e buscando motivos para que o carro dela não tivesse ultrapassado o sinal vermelho. Mas eles não existiam.

Demorei anos para conseguir colocar em mente que a morte não era algo a ser explicado. Não era algo que chegaria a entender, por mais que quisesse, e que aquilo me trouxesse alívio. Não existia mais o que fazer, a não ser, seguir em frente. E foi o que fiz, depois de muito tempo. Tentei encontrar meu caminho e quem sabe, encontrar alguém que pudesse me mostrar o amor.

Meu celular tocou e o olhei rapidamente, na esperança de que fosse Elizabeth. Ela desapareceu desde aquele bilhete deixado, e em nenhum momento respondeu minhas mensagens ou atendeu minhas ligações. Tinha esperanças de que ela sentisse o mesmo que eu, e ainda as deixava intactas

em meu peito, acreditando que ela era a mulher certa. Mesmo mais jovem e parecendo o completo oposto de mim. Queria conhecê-la, cada um de seus detalhes.

O visor indicou o número de Mary e acabei apenas deixando tocar. Ela notou que estava diferente, também, não teria como não o fazer. Tínhamos passado por momentos difíceis juntos, como segurar a dor um do outro. A princípio, ela era apenas uma paciente em busca da isenção da culpa por algo, em busca de lidar com seu psicológico em meio ao momento mais decisivo de sua vida – a luta contra o câncer. As sessões continuaram, e simplesmente, nossa amizade nasceu.

De repente, estávamos num café, contando a respeito de nossas vidas. E foi ali, pela primeira vez que alguém além da família de Faith soube a respeito do que aconteceu naquela tórrida noite. Na realidade, Mary era a única que sabia fielmente a respeito dos fatos. Não era algo bonito se dizer, ainda mais para a família da mulher que perdera a vida.

O celular parou de tocar, e agradei internamente por aquilo. A qualquer momento, tudo o que queria era contar a Mary a respeito do que acontecia, porém, senti que seria injusto com Elizabeth. Estava noivo de Mary a dias atrás, até que ela finalmente se resolveu com Damien, e decidiram seguir em frente juntos. Além de que, Elizabeth era a protegida de Mary, sua sobrinha. Temia por Elizabeth não gostar da ideia de envolver mais alguém a respeito do que acontecia conosco.

Nem mesmo eu tinha noção clara do que acontecia.

Abri novamente minhas mensagens e procurei o nome de Elizabeth, foi então que notei que sequer sua foto aparecia. Encarei aquele ato como impulsivo, até porque, não esperei seu bloqueio. Pelo contrário, imaginei que a venceria pelo cansaço. E assim, ela aceitaria meus pedidos para um encontro.

Notei uma mensagem, de um velho amigo, que há muitos anos não via. Ele me convidou para conhecer o local onde trabalhava, já que necessitava de um sócio para manter o local. Acabei comentando com ele que deixei tudo para trás em Baltimore, até mesmo meu consultório. Os planos antigos eram permanecer em Montpelier, com Mary.

Engraçado era não estar sofrendo a respeito de nosso término. Mary era minha melhor amiga, e permaneceria sendo. Apesar de tudo, sempre soube que seu coração pertencia a outro, e ela, sabia que meu coração permanecia aberto a um amor, que infelizmente, ela nunca foi dona. Éramos mais como melhores amigos em busca de paz, de paixão, de uma vida a

dois. Por fim, via que as coisas se encaminhavam para o lugar certo.

Respondi Hudson rapidamente, confirmando que iria até sua cidade em algumas semanas, para conversarmos acerca do trabalho. Tinha dinheiro o bastante para me manter, por um longo período de tempo. Porém, meu trabalho muitas vezes era o que me mantinha vivo. Poder ajudar pessoa a enxergarem o quão belas são e o quanto suas vidas valem a pena, ia muito além do que o dinheiro podia pagar. Era o que levava para a vida.

Encostei a cabeça contra os travesseiros e fechei os olhos, meus pensamentos viajando diretamente para Elizabeth. Não saberia dizer como chegou aquele patamar. Mas ela estava sob minha pele, próxima de minha alma. Com tal pensamento, acabei cochilando ali mesmo, tentando entender como fazer para Elizabeth me dar uma chance.



Acordei um pouco perdido, assustado ao ver que já era noite. Suspirei fundo, encarando as horas no celular e tentei manter os olhos abertos. Já era praticamente madrugada, e não entendia como dormi tanto. Talvez o cansaço se devesse ao fato de não ter nada demais para fazer. Por mais que amasse a tranquilidade, começava a me sentir preso em minha própria pele, por não saber o que mais fazer naquela cidade, a não ser passear durante a tarde torcendo para esbarrar em Elizabeth, ou ler um bom livro.

Olhei novamente para o contato de Elizabeth e notei que realmente não tinha sua foto. O fato era real, ela me bloqueou. *Mas o que aquilo significava?* Resolvi ignorar um pouco de minha ansiedade e fui até minhas malas, pegando roupas limpas, com o intuito de tomar um bom banho e pedir algo para comer. Antes de ir para o banheiro, peguei meu celular e o levei junto. Colocaria uma música para ouvir, e tentaria esquecer um pouco de meus fantasmas.

Assim que cliquei no aplicativo de músicas, meu celular simplesmente travou e fiquei possesso. Não tinha sorte com a tecnologia, e por aquele motivo, preferia ficar preso a um livro físico do que ler digitalmente. Mas, infelizmente, não era algo que poderia me livrar no caso de querer ouvir algo. Quando finalmente algo resolveu voltar a funcionar no

celular, um aplicativo aleatório se abriu, e a primeira notícia que apareceu na tela, fez-me ter que apoiar sobre a pia.

Meu corpo retesou e pensei em simplesmente não abrir. Deveria ser apenas mais uma especulação na mídia. Porém, não resisti. A imagem era enorme, assim como título em caixa alta. Não consegui ignorar.



O AMOR ENTRE OS FILHOS DO ROCK



Fontes confiáveis afirmam que as suspeitas a respeito do relacionamento entre George Maxine e Elizabeth Willans deixam de ser apenas suspeitas. Os dois não se importaram com ninguém, e foram pegos aos beijos numa livraria. Chocados? Aposto que as imagens abaixo não mentem.

Engoli em seco ao ver as imagens, onde os lábios de Elizabeth se encontravam com os dele. Aquela situação seria cômica se não fosse trágica, ao menos, para mim. Ela já tinha outro. Ou melhor, talvez sempre tivesse. Sabia pouco a respeito da relação de todos que pertenciam a 93 million miles, porém, com toda certeza, conviviam a muito tempo. Já que os pais de ambos eram da mesma banda e melhores amigos.

Sem pensar duas vezes, joguei o celular com força contra a parede, e vi o aparelho se quebrar. Senti uma raiva enorme se apoderar de meu corpo, e encarei-me no espelho. Enquanto tentava chamar sua atenção, e imaginava ter acertado, Elizabeth estava com outro, sendo feliz em algum lugar. Odiei a sensação que aquilo me causou, ainda mais por ter me enganado por completo a respeito do que pensei que ela sentira.

Fui apenas mais um, em uma noite qualquer – era a realidade. Bufei, sentindo-me um grande idiota. Afinal, o que eu esperava? Ela de branco, caminhando até mim num altar? Meu subconsciente gritou um sonoro “sim” e pensei que desmoronaria ali. Pensei a respeito de tudo, até mesmo se Elizabeth era mesmo solteira, ou já estava com o tal George quando tivemos nossa noite, ou até mesmo, se brigou com ele e acabou parando em minha cama.

Preferi não saber de mais nada, além de que meu celular sequer funcionava. O melhor era esquecer, deixar para lá, fingir que nunca aconteceu. O melhor era seguir em frente. Esquecer que aquela notícia, que Elizabeth tinha outro cara, não doía mais do que deveria. De alguma forma,

mesmo que imbecil, me apaixonei por ela.

Perdi minha mente desde o momento em que vi, só que nunca imaginei, que em algum momento, chegaria de fato a perder meu coração.

Capítulo 6

“Before I met you I never felt good enough
Before I let you in I'd already given up
Left on read, no reply
Left me just wonderin' why
Now I'm skeptical of love.”^[12]

Lizzy

Não!

Olhei para as notícias mais uma vez e tive vontade de me esconder para sempre. Soltei um grito de pavor dentro do quarto e soquei com força a porta, logo sentindo uma dor ardente na dobra dos dedos. Era aquilo, justo o que mais queria evitar. Balancei a cabeça, e o celular tocou, não precisei olhar para saber quem era. Peguei o aparelho com tanta raiva misturada a decepção que tudo o que queria fazer era jogá-lo contra a parede. Mas precisava, de uma vez por todas, dar um basta naquilo.

— *Alô!*

— Alô é o caralho! — praticamente gritei no telefone. No mesmo instante, a porta do meu quarto se abriu, porém, não medi minhas palavras, nem mesmo a frente de meu pai. — Eu quero que escute com muita atenção, George. Somos amigos há muito tempo, desde crianças, e isso não vai mudar! Nunca! — sabia bem que aquelas palavras o machucariam, porém, ele foi longe demais. — Não tinha o direito de me beijar, ainda mais naquele momento! — levei as mãos à cabeça, vendo meu pai assistir a cena assustado. — Eu estava frágil e se aproveitou disso. Tem noção do que causou, porra?

Fechei os olhos com força e afastei o celular por alguns segundos, tentando recobrar minha sanidade. Tudo girava em torno daquele momento na livraria, e me odiava a cada momento por ter desabado justo ali. Odiei ainda mais a atitude que George tomou.

Seus braços me lembraram de casa, porém, não preencheram o vazio em meu peito. Ainda me sentia só, mesmo tendo uma das pessoas que mais amava ao meu lado. Era aquilo? Era aquela a explicação de estar no fundo do poço e não ver forma de escapar?

Levantei meu olhar para ele, e tentei buscar em seus olhos a força

que precisava. Porém, sabia que ninguém conseguiria. Uma coisa que aprendi nos anos na terapia, era que mesmo que a ajuda seja necessária, principalmente de familiares e amigos, apenas nós mesmos podemos vencer, precisamos querer.

Forcei um sorriso para George, que tocou meu rosto com carinho. Respirei fundo, tentando não demonstrar para ele o que acontecia em meu âmago. Porém, no segundo seguinte, senti apenas meu rosto sendo puxado e seus lábios nos meus. Fiquei em alerta no mesmo segundo, esquecendo-me de tudo ao redor. Afastei-o e o olhei incrédula.

— O que está fazendo? — perguntei rapidamente, e então minha ficha caiu. Virei-me para o lado e procurei pelo paparazzo. Felizmente não a encontrei, e por um segundo, pensei que tudo ficaria bem.

Talvez ela já tivesse saído e não pegou a cena. Porém, algo em meu interior indicava que aquilo foi um erro catastrófico. Afastei-me de George no mesmo instante e não lhe dei brecha para me alcançar. Por mais que segundos depois estivesse ao meu lado, ignorei sua presença. Até o momento em que puxou meu braço e fui forçada a encará-lo.

— Se ousar me tocar mais uma vez, eu juro que nunca mais olho na sua cara, George! — falei séria, e seu semblante era claramente magoado.

— Eu pensei que nós...

— Pensou errado! — fui direta. — Tinha um paparazzo lá dentro, George! Tem noção da merda que pode ter causado?

Ele piscou algumas vezes aturdido e seu semblante se transformou. Levou as mãos à cabeça, e me encarou com os olhos castanhos arrependidos. Não quis mais analisá-lo e saí dali, diretamente para casa. Precisava dar um basta em tudo aquilo e torcer para que a bagunça na qual me encontrava não piorasse por conta de alguma foto.

— Lizzy, eu sinto muito.

Sua voz do outro lado da linha deixava claro seu arrependimento, porém, não melhorava as coisas. Fugi a vida toda dos paparazzi e suas mentiras, e agora, por conta de sua impulsividade, voltada com força para mídia. O problema maior era pensar em Penelope, no que ela estava pensando naquele instante. Eu precisava vê-la, urgentemente.

— Guarda suas desculpas de merda para Pen!

Desliguei e em seguida joguei o celular com força contra a cama.

— Ah! — soltei um grito e levei as mãos aos cabelos.

Logo senti dois braços fortes me envolverem e ficou impossível não desabar. Meu pai sabia bem o que fazia, sabia como me tratar nos piores momentos. Seu abraço era como uma redoma, protegendo-me de tudo ao redor.

— Tenho certeza que ele não fez por mal, anjinho. — sussurrou, e com minha cabeça em seu peito, segurei as lágrimas.

— Já viu as notícias? Todos viram? — perguntei sem vontade e meu pai se afastou o suficiente para me olhar. Sorri em direção ao homem lindo a minha frente, que era meu porto seguro. Os olhos castanhos como reflexo no verde dos meus.

— Infelizmente sim. — falou com pesar. — Sua mãe está com Valerie, tentando evitar que ela mate George.

— Quer dizer que ninguém acredita na notícia? — perguntei animada, e ele assentiu.

— Ao menos eu, Valerie e Nora não. — deu de ombros. — Valerie foi quem viu em primeira mão e gritou George no mesmo instante. Ela conhece o filho que tem.

— Ele é um cara legal, pai. Mas não o enxergo mais que um amigo. — confessei a verdade. — Penelope deve estar...

— A vi entrando em casa antes de chegar aqui. — contou e assenti sem graça. — Mas o que ela tem a ver com isso? — perguntou, claramente sem entender. Porém, segundos depois, sua boca formou um “o” silencioso.

— Perspicaz, senhor Willians. — brinquei, e ele sorriu, em seguida fechando a expressão. — O que foi?

— Gabe vai matar George.

— Isso se eu não o fizer antes. — beijei a bochecha de meu pai. — Vou ver Pen e volto logo!

— Ok, anjinho. — soltou-me.

Assim que estava próxima a porta, ouvi-o me chamar. Virei-me rapidamente e o encarei.

— As notícias passam, digo por experiência própria. — sorri para ele, sabendo que era sua cópia. Até mesmo nas reações descontroladas na maioria das situações. — Vai ficar em alta até o momento do próximo flagra desnecessário.

— Obrigada, papai.

Saí de casa e praticamente corri para meu vizinho. Não me preocupei com nada além naquele instante. Tudo o que queria fazer era falar com Penelope. Ela era como uma irmã para mim, por mais que eu fosse completamente fechada com todos. Pen era a pessoa que nunca me abandonou, e sempre esteve ali para todos os momentos.

Vizinhas desde sempre, e compartilhando a maioria das experiências da vida. Pen era cerca de um ano mais nova, e irmã mais nova de Damien. Toquei a campainha de sua casa e esperei alguns segundos. Logo a imponente presença de Gabe Harris, seu pai, tomou conta de minha visão. Ele abriu um leve sorriso e me deu um leve abraço, mas por sua expressão, poderia dizer que ele estava preocupado.

— Oi, tio. — falei com carinho e beijei seu rosto, entrando na casa. Era a forma como tratava todos os amigos próximos de meus pais, da 93, mesmo sem qualquer laço sanguíneo. Afinal, família ia muito além daquilo. — Pen está?

— Lá em cima, querida. — falou, claramente escolhendo suas palavras. — Lizzy, todos ficamos espantados com a notícia e...

— George agiu no momento, tio. — expliquei brevemente, sem conseguir me conter. — Não é algo real. Para mim, ele é só um amigo.

— Mas você é algo “mais” para ele, não é?

Por que todo mundo de nossa família era tão perspicaz?

Pensei no que dizer e em como contar toda aquela novela. Existia Penelope que gostava de George, que gostava de Lizzy, que não gostava de ninguém... Espantei a imagem de Joshua que surgiu em minha mente. Não, ele não era nada. Ou melhor, não poderia ser.

— É complicado. — dei de ombros, sentindo-me culpada. — Mas logo tudo se resolve.

— Espero que sim. Só peço que ajude minha menina a sair dessa e por favor, me segure caso George apareça aqui.

Arregalei os olhos, já entendendo que ele sabia bem o que se passava. Ele parecia analisar tudo de forma fria, porém, quando a família estava envolvida, seu cuidado era sem igual.

— Pode deixar, tio.

Subi as escadas de sua casa e fui até o quarto de Pen. Bati levemente na porta e chamei seu nome. Aguardei por alguns segundos e torci para que ela me recebesse. O medo de que ela simplesmente me ignorasse bateu com força. Não teria como ficar bem caso Pen resolvesse acreditar em toda

aquela merda. Ela sonhava com contos de fada, George como seu príncipe, e naquele instante, eu era a bruxa má.

Surpreendentemente a porta se abriu e a imagem de uma Penelope claramente magoada surgiu. Ela parecia se segurar para não chorar, enquanto passava as mãos fortemente pelo pijama, dando-me espaço para passar. Não pensei duas vezes e entrei. Assim que a porta se fechou, ela me encarou com pesar e uma lágrima desceu por seu rosto.

— Ele te beijou, não foi? — perguntou, e mesmo com o coração partido vendo-a prestes a desabar, assenti. — Por que? Por que tenho que ser apaixonada por ele, Lizzy?

Perguntou claramente por nada e levou as mãos ao rosto, já não se segurando. Fui até ela e a trouxe para um abraço. Ali, minha melhor amiga desabou. Tudo o que se passava por minha mente era a culpa. Culpa por tê-la naquela situação. E de alguma forma, pensava em que Joshua estava pensando se visse aquela notícia.

Eles aumentaram de forma fervorosa aquele acontecimento, jurando que estava namorando com George há tempos. Tudo uma grande mentira. Além de ter que consolar Pen, e dizer a ela que George era apenas cego e um grande idiota. Teria que falar com Joshua e deixar claro que não fora usado. Só não consegui entender o porquê me importava tanto com ele.

Capítulo 7

“Shine a light through an open door
Love and life I will divide
Turn away cause I need you more
Feel the heartbeat in my mind
It's the way I'm feeling I just can't deny
But I've gotta let it go”^[13]

Lizzy

Quase um mês se passou desde o momento em que estive com Joshua. Porém, naquele momento, mais uma vez, encarei a mensagem enviada para ele há cerca de duas semanas, e como sempre, sem resposta alguma. Pensei em ligar, enviar algum texto mais explicativo. Porém, simplesmente travei. Ainda mais pelo medo de ele imaginar que levei totalmente a sério aquela noite. A realidade maior era que não queria sair de minha zona de conforto, ainda mais, depois de tudo que aconteceu.

Queria voltar a apenas ter minha cabeça focada em casos famosos de advogados e em artigos importantes, em meio a uma ótima música, tomando meu café favorito. Entretanto, minha mente parecia não querer compactuar com aquilo. Se não estava sentada em minha cama olhando as notícias que aos poucos iam esfriando, estava ao menos pensando em Joshua e me sentindo uma idiota. Por que me importava tanto com ele?

Saí de meu momento patético quando a porta do apartamento de Mary se abriu, e minha tia abriu um amplo sorriso a me receber, mesmo com os olhos claramente preocupados. Tirei a sacola de dentro de minha bolsa e levantei, mostrando a ela o que comprei. Ela engoliu em seco, e fechou a porta, logo em seguida pegando a sacola.

— Obrigada, Lizzy. — falou com pesar. — Estou praticamente pirando e não sabia mais o que fazer. Sei que teve os problemas com a tal paparazzo e...

— Eu sei disfarçar bem. — sorri dando de ombros, finalmente tirando o boné e por fim, a peruca de cor vermelha. Mary me encarou com um sorriso e apenas retribuí. — Fazia muito tempo que não me disfarçava assim, mas vai que algum deles me vê comprando um teste de gravidez?

— Desculpe mesmo por isso, eu...

— Shhh. Relaxa, e só faz esse teste. — falei animada, e notei sua apreensão. — Quero muito saber se vai ter um bebê com Damien.

— Eu também. — a voz dela saiu quase em um sussurro. — Eu tô completamente perdida, Lizzy.

— Que tal... — aproximei-me dela e toquei seus ombros.

Lembrei-me no mesmo instante do passado, de quando ainda era pequena, e Mary apareceu em minha vida. Ela se mudou do Alabama para minha casa, para passar um tempo, e foi ali que encontrou seu lar. Ela sempre fora a pessoa, que de depois de minha mãe, me inspirava a ser alguém melhor. Por isso, torcia para sua felicidade. Para que alcançasse seu sucesso em todos os quesitos da vida.

Ela uniu os cachos num coque no alto da cabeça e passou as mãos nervosamente pelo rosto, claramente tentando se concentrar no que fazer.

— Podemos fazer o seguinte. — resolvi sugerir, diante de seu nervoso. — Você vai lá, faz o teste. Sai na mesma hora e eu entro alguns minutos depois para ver o resultado.

— Isso. — concordou animada e rumou para seu quarto.

A segui e assim que ela entrou no banheiro, sentei-me em sua cama, aguardando. Rapidamente ela deixou o cômodo e me encarou com ansiedade. Sorri para a mesma e toquei sua mão. Não sabia ao certo o que dizer, pois nunca passei por tal sensação. Porém, era claro que Mary estava apavorada. Um filho era uma mudança radical na vida de alguém, ao menos pensava assim.

Sorri ao me lembrar de que aquele dia seria regado a muito mais, que logo Mary teria uma surpresa inimaginável, e caso o teste fosse positivo, com toda certeza, deixaria Damien de joelhos. Aquele era o dia no qual ele a pediria em casamento e agora, talvez descobrissem que seriam pais. Se existia casal que pudesse combinar mais, eu duvidava.

— Vou lá. — Mary apenas assentiu e fui em direção ao banheiro.

Assim que encarei o teste, fiquei completamente emocionada. Positivo estava escrito no visor, assim como o tempo aproximado de gestação. Peguei um pedaço de papel higiênico e enrolei no mesmo, e quando pensei em sair do banheiro, Mary entrou no mesmo, encarando-me em expectativa. Tentei manter minha melhor face indiferente. Porém, estava quase gritando a sua frente.

— Lizzy, por favor, diz de uma vez! — praticamente implorou, e

permaneci com meu rosto impassível. — Lizzy! — gritou, e tive que gargalhar, escolhendo as melhores palavras em minha mente.

— Acho que é hora de Damien aprender a trocar fraldas.

Ela arregalou os olhos, ao mesmo tempo se escorando contra a pia, claramente abalada.

— Deixa eu ver! — pediu em desespero, e revirei os olhos, entregando-lhe o teste.

— Primeiro me liga feito louca, me faz comprar o teste e vir para cá, e no fim, não acredita em minha palavra? — acabei não segurando a provocação, mas Mary parecia ignorar tudo ao seu redor.

Encarou o teste de forma intensa, e logo o soltou sobre a bancada, e caminhou de volta para o quarto. Sentou-se na cama e seu semblante, diferente do que imaginei, de emoção, parecia completamente perdido.

— Grávida. — soltou em um sussurro, levando uma das mãos a barriga ainda plana. A cena, mesmo sem ela ter sequer um arredondado na barriga, fez-me rir abertamente, por imaginá-la dali alguns meses.

— Completamente! — bati palmas, sentando-me ao seu lado. — Você e Damien ficaram o que? Mais de dois anos longe? Bastou um mês juntos e olhe só, já arrumaram um bebê! — falei completamente animada, e Mary pareceu voltar a realidade.

— Lizzy... — encarou-me sem graça. — Nós nunca falamos sobre filhos ou...

— Ah, qual é, Mary? — bufei, revirando os olhos. — Se pedisse a Damien para mudar de nome, ele o faria. Sério! — não medi as palavras. — Acha mesmo que ele não sonha em ter um filho com você?

— Não sei.

— Ah, por Deus, Mary! — bati de leve em sua coxa. — Olha só, o homem é louco por você e você por ele! Simples! Vão ter um bebê com essa sua pele maravilhosa e os olhos verdes dele, já até vejo. — consegui imaginar o filho ou filha deles perfeitamente em minha mente.

— Você é maluca. — falou, finalmente abrindo um sorriso.

— A maluca aqui sabe das coisas. — pisquei para ela, e em seguida, ouvi a campainha. Encarei-a já com uma pergunta silenciosa.

— Deve ser Josh, ele ficou de passar aqui para dar um até logo, já que vai viajar para Chicago^[4]. — informou tranquilamente, e foi como levar um balde de água fria. Gostaria de pensar que não era o mesmo homem que atormentava meus pensamentos, porém, não tinha como fugir. — Ei, seja

gentil com ele!

— Ele é seu ex-noivo, como consegue ser amiga dele? — perguntei por fim, já que aquilo vivia entalado em minha garganta.

— Já te contei. — falou pausadamente. — Ele é mais amigo do que qualquer outra coisa. — aquela explicação não me descia, ainda mais por ter praticamente a certeza de que Joshua a amava. Mesmo assim, era claro que Mary não o correspondia.

Mas ele estava ali, a frente de seu apartamento. Mais uma vez, atrás dela.

— Mesmo assim. — dei de ombros e levantei, determinada a ter a certeza de que aquilo não me abalava. *Não mais!* Mesmo que ele vivesse em meus pensamentos. Em algum momento, passaria. Poderia ser aquele.

Abri a porta de uma vez, e o sorriso de Joshua morreu assim que seu olhar encontrou o meu. *O quão surpresa eu não estava com aquilo?* Permaneci com meu queixo erguido e o encarei de forma decidida. Senti uma raiva inexplicável, lembrando-me que ainda era ignorada após pedir *desculpas*. Ele era o cara que foi para cama comigo amando outra. Ele era o cara que acreditou, com toda certeza, nas notícias infundadas da mídia, e agora me ignorava.

Odiei o fato de meu corpo pedir por seu toque, estando a poucos centímetros dele. Permaneci firme, e resolvi simplesmente fazer o mesmo que ele. Ser indiferente. Ele parecia completamente confortável sob sua pele, claramente não pensando sobre nós. Precisava mostrar para ele que não significava nada para mim, mesmo que fosse uma atitude infantil. Ele foi apenas um desvio em meu caminho, e já tinha consequências suficientes – como tê-lo em meus sonhos – para uma vida.

— Ela está bem, já pode cair fora. — minha voz saiu rude, e ele arqueou uma sobrancelha, claramente não esperando tal recepção.

— Tudo bem com você, Elizabeth? — perguntou, como se tentando me ler, e odiei sua posição. O que ele queria, afinal?

— Estava, até a campainha tocar. — segurei com força a maçaneta da porta e tentei manter minha pose. Por que ele simplesmente não desaparecia?

— Ei, Josh!

A voz de Mary encheu o ambiente e por um segundo, senti-me mal com aquela ceninha. Porém, quando ele simplesmente passou por mim, indo para os braços dela, senti meu coração afundar no peito. No fim, era

apenas uma grande idiota.

Fechei a porta da sala e fui direto para o quarto de Mary, escondendo-me daquela situação. Não fazia parte daquela conversa, muito menos manteria a calma perto de Joshua. A realidade nua e crua era que queria subir em seu colo e beijar sua boca até esquecer tudo. Até sequer poder lembrar meu nome.

Cerca de vinte minutos depois, ouvi a porta de frente batendo e saí do quarto. Quando cheguei a sala, Mary me lançou um olhar interrogativo. Aquilo não era bom.

— Que foi? — perguntei, tentando demonstrar desinteresse.

— Pode falar!

— Sobre? — fiz-me de desentendida e me joguei sobre o sofá, pegando o controle da tv.

O pior era o cheiro dele que permaneceu ali, fez-me relembrar mais uma vez a sensação de seus braços. Joshua poderia ir embora fisicamente, mas ainda assim, parecia intacto em minha mente e corpo.

— Lizzy, desembucha! — insistiu, claramente interessada.

— Não é nada. — dei de ombros, tentando adiar aquela conversa.

Mary apenas ficou em silêncio, mas permaneceu me encarando, com um sorriso gigantesco na boca. Ela o fazia sempre que queria muito entender algo, ou sanar sua curiosidade.

— Não vai parar até saber, não é? — perguntei sem vontade, e ela assentiu, sentando-se ao meu lado. — Promete que ninguém vai saber disso? Nem mesmo Damien? — perguntei já vencida, e ela fez um zíper com o dedo na boca.

Sorri da cena, sentando-me de forma melhor no sofá.

— Palavra de grávida. — falou, e levou as mãos a barriga.

— Ok, mas depois que contar, vamos bolar um jeito de contar para Damien sobre esse bebê aí! — assentiu, e me encarou com toda sua atenção. — Eu não sei ao certo como te contar isso... A realidade é que não sou boa com palavras.

— Pode me dizer do seu jeito, Lizzy.

— Bom. Eu e Joshua nos esbarramos algumas vezes pela cidade, e em uma delas, um beijo aconteceu. — fechei os olhos não querendo ver sua reação. — E na última vez, acabamos transando.

Abri os olhos com pesar e Mary parecia ainda mais animada com a conversa, com um sorriso enorme no rosto.

— Não está chateada? — perguntei rapidamente, e ela deu de ombros.

— Nunca senti por Joshua algo além da amizade, te disse que concordamos em nos casar, para quem sabe, nos apaixonarmos. — ela realmente disse aquilo, porém, parecia uma realidade difícil. — Mas me conta, por que sua agressividade com ele hoje?

— Só quero deixar claro que você e ele não tinham mais nada quando nos beijamos pela primeira vez. — esclareci rapidamente, e Mary sequer pareceu se apegar a tal detalhe. Ela realmente não se importava. — Eu saí no outro dia do quarto e o ignorei por um bom tempo. — omiti a parte do “eu te amo” dito para ela, o qual ouvi em claro e bom tom, Joshua dizendo. Sua voz era macia e doce quando falava com Mary, e foi o que me fez simplesmente tomar a coragem necessária para sair daquele quarto. Senti-me usada. — Só que aí, justo no dia em que o bloqueei em meus contatos, George me beijou e aquela notícia saiu...

— Merda! — Mary parecia completamente aturdida. — Você falou com ele depois disso? Explicou que é mentira o tal namoro antigo com George?

— Não. — dei de ombros. — Apenas o desbloqueei e mandei uma mensagem dizendo “desculpe”. A qual ele não fez questão em responder. E hoje foi o dia em que nos encontramos depois disso.

— Deus do céu! — Mary se levantou, andando em direção a tv, claramente preocupada. — Por que não fala com ele, Lizzy? Esclarece tudo e...

— Vivo feliz para sempre? — zombei e ela me encarou com desdém. — Não sei porque estou tão incomodada com isso, mas o fato é que tenho prioridades na vida, e talvez esse afastamento seja apenas a vida me mostrando que caminho seguir.

— Ou por qual caminho lutar! — indagou e balancei a cabeça negativamente.

— Vamos apenas esquecer isso por enquanto, ok? — resolvi dar fim aquele assunto. — Prefiro ir comprar algo para surpreender Damien e lhe fazer sentir o papai do ano.

— Ah meu Deus! — Mary pareceu se lembrar de que acabou de descobrir a gravidez. — Eu não sei o que fazer.

— Pois eu sei.

Mandei uma mensagem para Damien, confirmando se tudo estava

ok para seu pedido de casamento. Ele logo respondeu que “sim” e foquei na mulher desesperada a minha frente.

— Vamos trocar de roupa e ir a uma loja maravilhosa que conheço. Lá que comprei presentes para os gêmeos de Selen e Nick, quando ainda eram só bebês.

— O tempo passa, não é? — Mary perguntou aturdida e assenti.

— Logo teremos aqui conosco, esse pedacinho de gente na sua barriga. — sorri para ela, que finalmente ficara emocionada. Parecia que sua ficha ainda estava caindo.

Fui até ela e a abracei, dando-lhe todo o carinho que sentia. Mary merecia tal felicidade, e muito mais do que vinha com ela.



Olhei para a cena a minha frente e sorri abertamente, ainda sem saber como explicar a dimensão do sentimento que tomava meu peito. Todas as pessoas que amava estavam ali, de frente para um palco, onde Damien entregou seu coração para Mary, pedindo-a em casamento, e agora estava em seus braços. Ela contara sobre a gravidez, e todos piraram no segundo seguinte. Tentei segurar as lágrimas, mas parecia impossível. A cena era linda demais para me conter.

Afastei-me de todos e fui em direção a uma loja de conveniência, para comprar uma água e tentar me acalmar, além de tudo, mesmo sendo um dia feliz, evitar algum contato exacerbado com George. A mídia já estava ali, tirando fotos de todos os momentos, e queria evitar algo pior ao redor de minha pessoa. Assim que tentei passar por algumas pessoas que assistiam a cena alarmadas e sorridentes, esbarrei num corpo forte, que me segurou pela cintura, claramente para que não caísse de cara no chão.

Meu corpo correspondeu ao dele no mesmo instante, e o encarei. Seus olhos mel me encararam em expectativa, ao mesmo tempo que mais uma parte de meu coração pareceu se quebrar ao ver Joshua ali. Ele realmente parou para ver sua ex-noiva confirmar um novo casamento? Aquilo era necessário para ele seguir em frente? Ver com os próprios olhos?

— Eu senti sua falta, Elizabeth.

Sua voz soou baixa e calma, e senti um arrepio percorrer minha

espinha. Afastei-me dele rapidamente, temendo que alguém pudesse tirar alguma foto. Olhei para os lados preocupada, e Joshua me analisou sem entender. Senti então a aproximação de alguém ao meu lado, e retesei o corpo quando uma mão tocou minha cintura. Olhei para o lado e George me encarou com pesar. Afastei-me de seu toque no mesmo instante e busquei o olhar de Joshua, que apenas negou com sua cabeça e saiu.

Olhei para George furiosa, mas tentei me conter devido a plateia que teríamos caso resolvesse quebrar sua cara. Saí andando em direção de nossa família, e notei que me seguia. Quando finalmente me alcançou, parei e o encarei.

— Não me toque mais em público. — falei no tom necessário para que apenas ele ouvisse. — Não aja como algo que não é!

— Sou seu amigo, Lizzy. Qual o problema, afinal? Quem era aquele cara? — ele parecia irritantemente interessado, e agradeci mentalmente por ele não se lembrar de Joshua. Poucas pessoas da família o viram pessoalmente, mas Mary tinha nos mostrado fotos.

— Alguém que não vem ao caso. — findei a conversa. — Apenas me deixe em paz, George. E não piore ainda mais as coisas.

— Lizzy, eu...

Senti o olhar de alguém sobre meu corpo e odiei ainda mais o amigo ao meu lado. Penelope assistia a cena, abraçada a mãe, claramente perdida ao ver George falando comigo. Quando ele ia perceber que aquela garota era perfeita para ele? Quando ela cansasse de esperá-lo?

— Me deixe.

Saí dali e fui para os braços de minha mãe, recebendo um forte abraço.

— Espero o dia em que você será pedida em casamento, filha. Até mesmo anunciar sua gravidez. — olhei-a com desdém. — Não me olhe assim, pois me reconheço em você. Nunca quis casamento e olhe só onde vim parar.

Apenas balancei a cabeça e continuei em seu aperto. Uma realidade era certa em minha vida, eu não me via na história clichê do “até que a morte nos separe”. Namoro, casamento, filhos, netos... Aquela não era uma vida que desejava. Mesmo assim, meus pensamentos permaneciam em Joshua, que com toda certeza, nunca mais voltaria a ver.

Capítulo 8

“Baby, baby, I feel crazy
Up all night, all night and every day
Give me something
Oh, but you say nothing
What is happening to me?”. ”^[15]

Lizzy

Olhei novamente para Penelope que cantava no pequeno palco de um dos restaurantes mais conceituados da cidade. Ela parecia completamente à vontade, com a voz doce e forte, cantando uma de suas músicas favoritas – Safe and Sound^[16]. As pessoas que comiam, de repente paravam para olhá-la. Com apenas vinte e um anos, Pen já fazia sucesso por onde passava, e em breve, começaria a abrir shows da banda de pop rock feminina mais famosa da atualidade. Ela era incrível, ainda mais por toda sua coragem.

Bebi mais um gole do suco de laranja e fechei a expressão, não gostando do sabor. Estranhei por completo, já que era meu suco favorito. Os últimos dias decorreram daquela forma. Qualquer coisa que bebia ou comida me dava enjoo, ou simplesmente, renegava o gosto.

— Tudo bem, querida? — minha mãe perguntou, claramente percebendo minha careta.

— Vou ao banheiro. — falei rapidamente, e pedi licença.

Assim que cheguei ao banheiro, levei as mãos a nuca, e encarei meu reflexo no espelho. Estava um pouco pálida, e senti uma leve vertigem. Segurei-me forte contra a bancada da pia, e abri a torneira em seguida, passando um pouco de água pelo rosto e nuca.

— Que merda, Lizzy! — xinguei-me, tendo a certeza de que novamente voltava a época em que não me alimentava bem.

A porta do banheiro se abriu e não olhei, ainda me segurando contra a bancada.

— Ora ora, quem finalmente encontrei.

Poderiam se passar mil anos, e eu ainda reconheceria aquela voz. Olhei pelo reflexo e encontrei Megan Rosewood, a responsável pelos meus piores pesadelos no ensino médio, e que segundo minha terapeuta, era um

dos gatilhos mais fortes de meus problemas. Encará-la, depois de tanto tempo, era como levar um grande balde de água fria. Ainda mais num momento daquele, onde me sentia fisicamente fraca.

— Megan. — forcei um sorriso cínico, e ela bufou.

— Sabe que esse sorrisinho debochado não me convence, não é? — aproximou-se e comecei a me questionar, assim como antigamente, por que ela fazia tal coisa. Por que me perseguir? O que ela queria provar?

— O que quer?

— Bom, que admita que o gostoso de seu amiguinho George, o qual estava na minha cama há alguns dias... — sorriu de forma provocativa e engoli em seco com tal informação. — Não é seu maldito namorado.

— Não. — falei seriamente. — Nunca existiu nada entre nós.

— Bom... — sorriu abertamente. — É bom ficar fora de meu caminho, porque aquele homem é meu. — ameaçou-me e tentei segurar o riso, porém foi em vão. — Qual a graça?

— Sério mesmo que está me ameaçando por conta de um cara que é meu amigo? Que cresceu no seio da minha família? — perguntei com deboche, e sentindo-me mais firme, virei-me, escorando na bancada. — George não é uma questão entre nós, porém, se ele tivesse ideia do inferno que fez minha vida no ensino médio, nunca teria te levado para cama.

— Ah é? — encarou-me com afinco. — O que te fiz de tão grave, burrinha?

Aquele apelido... infelizmente ainda tinha um poder descomunal sobre mim. Odiava lembrar de todas as dificuldades para interpretar textos, estudar, e o fato de sempre ficar em cima da média nas matérias. Não era boa como aquelas garotas, sempre soube daquilo. Lembrei-me de quando obriguei meus pais a me levarem a médicos, tentando encontrar uma explicação lógica para aquilo. Porém, nenhum diagnóstico fora relevante. Ao menos, biologicamente, nada me impedia de aprender.

A não ser eu mesma... Era péssima no colégio, e sofri o diabo na faculdade em busca de aprovação. E agora, estando perto de começar de fato direito, sabia que tudo pioraria. A única coisa na qual era boa, era ler. E claro, livros que não fossem didáticos. Tentava entender, no fundo de meu ser, como sendo filha de Nora Hall, uma das escritoras de romance contemporâneo de maior sucesso da atualidade, não conseguia simplesmente me sair bem em provas de interpretação de texto quando mais nova. Megan soube bem como usar aquilo contra mim.

Sempre vi em seus olhos azuis a grande vontade de me humilhar, ao nos comparar em vários aspectos. Desde os meus doze anos de idade, em que frequentamos o mesmo colégio. Ela fazia questão de deixar claro o que pensava a respeito, porém, em momentos a sós. Jamais abriu um “a” quando de frente para os meninos, no caso Damien e George. Ela tinha um grande interesse neles, mas quando viu que Damien não cederia, deve ter investido pesado em George. Porém, nunca passou por minha mente que estivessem se envolvendo.

— Eu apenas dizia verdades sobre você, Lizzy. — a odiei ainda mais por usar meu apelido. Era algo para pessoas íntimas. — Mas apenas vim avisá-la. Fique longe do que é meu! — falou pausadamente, olhando-me duramente.

Dei de ombros e me segurei para não socar sua cara. Mas a realidade logo seria dura com ela, tinha certeza.

— Acha mesmo que George vai assumi-la? — perguntei com desdém, finalmente tomando coragem de enfrentá-la.

Foram cerca de oito anos ouvindo todos os tipos de insultos dela, chorando durante as madrugadas de estudos, nas quais não conseguia gravar nada, e sabia que tiraria zero, e teria mais um motivo para ela me fazer de chacota. Agora, mais velha, sabia que o que sofri era algo grave, porém, naquela época, sem ter muita noção apenas escondi de todos o que realmente acontecia. Fiz-me de forte, e apenas me permitia quebrar no silêncio de meu quarto longe de todos.

— George vai abrir os olhos em algum momento, e enxergar a mulher que realmente vale a pena. — continuei e ela me encarou furiosa.

— Quem seria? Você? — debochou.

— Nunca. — respondi relaxada. — Mas sei bem quem será a futura senhora Maxine, e querida... Você não é ela!

Megan me encarou embasbacada, com certeza chocada com minha atitude, e apenas abri um sorrisinho de lado.

— É o que veremos... — aproximou-me de mim, ficando a um fim de cabelo. — Burrinha!

Ela então saiu do banheiro e permiti-me gargalhar. Era como se um peso fosse tirado de minhas costas. Segurei-me na bancada e segurei o grito que estava no fundo da garganta. Senti-me livre daquele medo pela primeira vez. Pois uma das razões de paralisar em momentos tão difíceis, era me lembrar do passado. Mas ali, o enfrentei. Sorri abertamente e encarei meu

reflexo.

Sem entender muito bem, peguei o celular e pensei em digitar uma mensagem para Joshua. Porém, assim que encarei sua foto, não o consegui fazer. Algo me impedia, e não sabia explicar ao certo. Nem entendia porque queria contar a ele que estava livre, de algo que ele sequer sabia... na realidade ninguém. *De onde saiu tal vontade?*

Segurei o celular e pensei em simplesmente ligar o *foda-se* para minha razão e comecei a digitar, porém, na hora de clicar em enviar, senti uma grande tontura. Ouvi o barulho da porta se abrir, e tentei pedir ajuda, pois meu corpo cedia, mas minha voz não saiu. Felizmente dois braços me cercaram.

— Ei, Lizzy! — a voz de Pen foi como um bálsamo. — *Tá tudo bem?*

— Eu... — tentei falar, mas senti uma certa falta de ar. — Preciso ir ao hospital, Pen! Não estou bem há alguns dias.

— Por que não foi antes, mulher? — perguntou, claramente brava, e segurei-me para não rir, ainda tentando me aguentar em pé. — Vamos, eu vou com você!

— Mas a sua apresentação...

— Já acabou. — falou simplesmente. — Devemos avisar nossos pais? — perguntou, e neguei com a cabeça, abrindo meus olhos.

— Prefiro ir amanhã cedo, Pen. — voltei a me sentir um pouco melhor. — Geralmente fazem exames de sangue, e toda coisa, o que leva algumas horas no hospital. Não estou nem um pouco interessada em passar a noite lá.

Meu pedido silencioso estava ali. Pennelope era a pessoa mais próxima a mim, ela sabia bem reconhecer meus momentos de fraqueza. E mesmo que nunca tenha sido completamente franca com ela, ela parecia me conhecer como ninguém.

— Ok, mas então no primeiro horário, e usamos a desculpa de tomar um café. — falou determinada. — Consegue andar sozinha? — perguntou e assenti, afastando-me de suas mãos. — Estou do seu lado, qualquer coisa só se segura.

— Obrigada, Pen.

Apertei minha bolsa contra o corpo e segui Pen até a mesa de nossos pais. Forcei um sorriso e tentei manter minha melhor pose. Horas depois, no escuro do meu quarto, apenas escutei o ressonar de Pennelope do outro

lado da cama, que se auto convidou para dormir ali. Ela era superprotetora, e claramente, estava preocupada. Com os pensamentos a mil, e os olhos cor de mel de Joshua em mente, acabei pegando no sono.



Encarei a médica a minha frente e engoli em seco. *O que?* O grito ficou preso em minha garganta, enquanto tentava me controlar.

— Pode repetir, por favor. — falei calmamente. — Acho que algo está errado.

— O exame deu positivo para gravidez, senhorita Willians. — repetiu mais uma vez aquela fala e levei as mãos aos cabelos. — É... Parabéns!

A médica estava claramente sem graça e me encarando com pena. Certamente imaginando que não era uma boa notícia para mim. A realidade era que jamais imaginei tal coisa ao chegar ali. Pensei que fosse desnutrição ou algo do tipo, mas nunca, em hipótese alguma, gravidez. Felizmente Pen foi ao banheiro pouco antes da médica entrar com o resultado.

Um bebê!

— Vou te dar um tempo para digerir a notícia, senhorita. — sorriu de forma cúmplice. — Volto daqui a pouco para lhe passar o que deve ser feito e...

— Me passe agora, por favor. Não quero que minha acompanhante saiba.

A médica passou tudo rapidamente, recomendou-me uma obstetra e apenas assenti a tudo, tentando gravar em minha memória. Porém, minha mente viajava para Joshua, em como lhe dizer o que estava acontecendo. E tentava entender em que momento nos descuidamos naquela noite.

— É isso, senhorita Willians.

— Obrigada. — falei rapidamente, sem saber o que dizer.

Notei Pennelope adentrando o quarto, que encarou tanto eu quanto a médica em expectativa.

— Minha amiga está bem, doutora? — perguntou aflita, e olhei para médica em socorro.

— Está sim, senhorita. — falou de forma calma, sem deixar margem para desconfianças. No caso, ela não mentia. — Apenas alguns cuidados e vitaminas. Bom vou deixá-las a sós.

Ela então saiu e Pennelope me encarou aliviada.

— Viu, não é nada demais!

Assenti e minha mente rodopiou. Não era realmente nada demais... Era simplesmente *tudo*.

Capítulo 9

“I'm jealous of the nights
That I don't spend with you
I'm wondering who you lay next to
Oh, I'm jealous of the nights
I'm jealous of the love
Love that was in here
Gone for someone else to share.”^[17]

Cerca de três meses depois...

Joshua

Olhei mais uma vez para a fachada do restaurante e comecei a me perguntar sobre o que realmente fazia ali. Permaneci em Chicago, terminando de acertar alguns pontos com Hudson a respeito de meu novo consultório. Estava decidido em me mudar para aquela cidade, porém, minha mente parecia ter ficado em Montpelier. Evitava ao máximo olhar as notícias, porém, acabava lendo diariamente, tendo a certeza de que fui apenas mais uma noite para Elizabeth.

O que eu podia esperar?

Ela era uma jovem de apenas vinte e dois anos, que acabava de começar a vida adulta. Eu era um cara quatorze anos mais velho que queria uma vida a dois e com toda certeza, tranquilidade. Éramos opostos em vários aspectos, porém, apenas conseguia pensar a respeito dela, e de como as coisas seriam se tivesse permanecido no quarto aquele dia, ou mandado algo além de “desculpe” por mensagem. Até então eu me perguntava o que aquilo significava.

Ela se desculpava por termos nos envolvido?

Por ter traído o namorado?

Por não saber explicar o que de fato aconteceu?

Eram perguntas sem perspectiva de resposta, já que evitei ao máximo seu contato. Não poderia respondê-la. Ficaria preso novamente a uma esperança de chance de conhecê-la melhor. Aquele dia, frente ao momento que Mary foi pedida em casamento, ficara claro para mim que Elizabeth tinha algo com o tal George. A forma desconfiada como olhou para os lados e rapidamente saiu de meus braços, e ainda mais, como ele

logo apareceu em seu encalço. Eu quem sobrava naquela equação.

Decidi descer do carro e segui para dentro do restaurante. Senti-me um completo idiota por chegar alguns minutos atrasado para aquele encontro. Porém, a realidade era que não queria estar de fato ali. Por mais que a irmã de Hudson me parecesse uma mulher interessante, nada nela me despertara algo, nada perto do que Elizabeth fazia.

Sorri sem jeito assim que encontrei Hillary sentada, a qual abriu um imenso sorriso em minha direção. Não poderia negar, ela era uma mulher linda. Era mais próxima de minha idade, e claramente interessada. Porém, assim que me aproximei e a cumprimentei, nenhum toque me fez sentir algo. Senti-me apenas um idiota por estar ali, fazendo aquela mulher perder a noite.

Conversamos amenidades e logo fizemos nossos pedidos. Ao menos a conversa ia bem, não consegui ficar totalmente desconfortável de frente a uma mulher na qual não tinha interesse algum, mas que parecia querer estender aquela noite. Qual era meu problema?

— Vou ao toalete. — falou calmamente e pegou sua bolsa. — Volto rápido!

— Tudo bem. — forcei um sorriso e ela saiu da mesa, deixando-me só.

Soltei o ar que nem sabia que segurava, enquanto ainda aguardávamos a sobremesa. Temia mesmo era pelo final da noite. Como dispensaria aquela mulher sem parecer indelicado? E ainda mais, sem demonstrar que aquela noite foi um martírio?

Todos os meus pensamentos estavam em Elizabeth, e senti-me um completo idiota. Peguei meu celular em mãos, após evitar o dia todo de ler algo a respeito dela, e digitei seu nome na busca de notícias recentes. Assustei-me pela quantidade de notificações novas e ainda mais, pelas fotos. Cliquei na primeira e comecei a ler a matéria.

A realidade era que deveria esquecê-la, já que ela claramente fazia parte de algo que mais abominava – traição. Ela poderia muito bem ter traído o tal George comigo. Porém, algo em minha mente não permitia afastar. Queria saber mais, conhecer mais... Mesmo que nunca a visse novamente.

Quase soltei o celular sobre a mesa no momento que li o título em caixa alta.



NOVO BEBÊ DO ROCK?



Elizabeth Willians, filha do vocalista da banda de rock 93 million miles – Luke Willians e da escritora best-seller do New York Times – Nora Hall, deu as caras após meses de reclusão. Fontes indicavam que ela estava fazendo um curso a respeito de direito, porém, as fotos abaixo não mentem.

Elizabeth aparenta uma barriga de grávida já bem pronunciada, arriscamos cerca de três meses. Que tal essa? Será que o papai George Maxine está animado?

Passei as mãos em meus olhos, não acreditando no que lia. Olhei novamente para a imagem, tentando confirmar que aquela era mesmo Elizabeth. Não tinha como fugir, os traços eram inconfundíveis. E a foto, além de tudo, tinha uma ótima qualidade. Conseguia ver perfeitamente sua barriga arredondada, claramente de gravidez. Fiz as contas em minha mente e parei novamente naquela noite tórrida de sexo. Tentei lembrar algum momento em que não nos cuidamos, e a primeira transa dentro do quarto me veio em mente – nós tínhamos feito amor no chuveiro e não me lembrava de ter usado camisinha.

Hillary entrou em meu campo de visão e a encarei completamente sem jeito.

— Eu sinto muito, Hillary. Mas preciso ir, é um assunto urgente. — falei rapidamente, já me levantando e deixando algumas notas sobre a mesa.

— Ei, calma! — levantou-se também. — Posso te ajudar?

— É um assunto que preciso resolver sozinho. — sorri sem graça. — Desculpe por isso, por desperdiçar sua noite.

Dei-lhe um beijo no rosto e praticamente corri para fora do restaurante. Quando entrei em meu carro, fechei a porta e disquei seu número. Ela tinha que me atender, acabava de entrar em desespero. A cada toque da chamada, meu coração falhava uma batida. E apenas me perguntava: era o pai daquela criança?

Lizzy

Olhei para o quarto impessoal de hotel e me senti uma completa imbecil, completamente sozinha ali. Já se passaram meses desde o momento em que pisei em Montpelier, e permanecia longe de todos os que amava, com a desculpa esfarrapada de estar fazendo um curso. Ledo engano!

Estava apenas pirando a cada dia, dentro de um quarto de hotel, tentando entender para onde devia ir e como contar para Joshua toda aquela situação. Evitava sair pelas ruas de Sioux Falls^[18], a cidade na qual decidi me esconder, até estar pronta para encarar a realidade.

Minha barriga já aparecia, e a cada dia, me via encarando aquele momento da vida como algo certo. O começo foi a parte mais difícil de aceitar, e ainda mais, por estar escondendo de todos. Sentia que precisava estar bem comigo mesma, para só então compartilhar. Porém, aquele momento nunca chegava.

Olhei meu reflexo no espelho e mais uma vez, passei a mão pela barriga redonda, onde já imaginava meu pedacinho de gente. Resolvi não saber o sexo por enquanto, mas fazia o acompanhamento necessário. E aquele, era mais um dia de consulta. Fechei o sobretudo que disfarçava de maneira perfeita meu atual estado e coloquei uma boina, tentando fechar meu look do dia para fugir dos paparazzi. Eles ainda buscavam notícias a respeito de George e eu. O que me aterrorizava, pois temia que descobrissem a gravidez, e assim, a internet toda falasse sobre um filho meu com ele.

O que me remetia a Joshua, e o que precisava fazer em breve. Precisava comprar uma passagem para onde ele estivesse e pedir para vê-lo. O medo tomava conta de meu ser, mas era necessário, já que ele era o pai daquela criança. Não podia evitá-lo para sempre, pois em algum momento, todos iam saber. Ainda não tinha coragem de revelar a meus familiares que estava grávida do ex-noivo de minha tia, e ainda mais, de um caso de uma noite. *Quando me tornei tão imprudente?*

Assim que cheguei a calçada, andei alguns metros e meu coração se partiu ao ver uma jovem sem-teto, cercada por papelões e claramente com frio. Olhei rapidamente ao redor, e notei que não tinham muitas pessoas passando. Me aproximei dela e abri um sorriso sincero, a qual apenas me encarou. Tirei da minha bolsa uma boa quantidade de dólares e lhe

entreguei, da forma que não pudesse recusar.

Conferi mais uma vez ao redor, e tomei uma atitude a respeito daquela situação. Tirei o sobretudo rapidamente e coloquei ao redor dos ombros da jovem, que aceitou de bom grado, e deixou uma lágrima cair. Não sabia ao certo o que dizer, porém, vê-la ali, tão frágil, fez meu coração quebrar.

O mundo era realmente injusto, pois mais uma vez, via o quão sortuda era. Enquanto eu tinha tudo, aquela mulher, que devia ter no máximo trinta anos, não tinha absolutamente nada, e se escondia do frio em meio a papelão.

— Sempre fica aqui? — perguntei e ela negou com a cabeça, ainda claramente sem jeito.

— Obrigada, senhora. — olhou-me sem jeito. — Hoje foi o primeiro dia que fiquei aqui, bom, nessa rua.

— Vou encontrar um lugar bom para você.

Ela arregalou os olhos e se levantou. Fui até ela, que esticou seu braço, claramente sem jeito diante de minha atitude. A puxei para um abraço e a mesma pareceu completamente surpresa.

— Qual o seu nome?

— Hope. — olhou-me, claramente envergonhada.

— Meu nome é Elizabeth Willians. — ela arregalou os olhos, parecendo ligar alguns pontos. — Talvez conheça o sobrenome por conta de meu pai, o cantor de rock.

— Luke? — perguntou e assenti. — Vi alguns outdoors pela cidade.

— Pois é. — sorri com carinho. — Sei que sou uma completa desconhecida, mas.... Se puder me dar um voto de confiança, posso te ajudar.

— Senhora eu... Eu realmente não posso aceitar.

— Então apenas me deixe lhe dar um teto essa noite. — sugeri, tendo planos em minha mente para aquela mulher. Não saberia dizer porquê, mas algo em meu coração me induzia a ajudar. — Boa comida, banho e uma cama quente.

— Senhora...

— Me chame de Lizzy. — pedi, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu não sei o que dizer.

— Apenas aceite. — segurei sua mão com cuidado. — Existem

encontros na vida que estão pré-determinados – palavras de minha mãe.

— Eu... Eu aceito, por essa noite.

Sorri para ela, e dei meia volta, caminhando com a mesma até o hotel. No primeiro instante ela retesou o passo, porém, pareceu um pouco mais confiante, quando segurei sua mão com força. Ela claramente tinha vergonha das outras pessoas. Chegando no quarto, dei-lhe espaço necessário, e agradei mentalmente por ter pegado uma suíte grande com duas camas, e ainda mais um espaço de lazer. A primeira coisa que ela pediu foi por um banho e assenti, mostrando-lhe onde ficava tudo. Separei algumas roupas, e entreguei para ela.

— Obrigada, senhora... quer dizer, Lizzy. — apenas assenti. — Deus lhe abençoe!

Ela entrou no banheiro e senti meu coração tocado, dizendo um “amém” internamente. Fiz a escolha certa naquele dia. Peguei meu celular e desmarquei minha consulta, e enquanto Hope tomava banho, sentei-me na cama e resolvi pedir algo para comer. Pedi tudo o que o hotel oferecia, e comecei a pensar em como ajudar aquela mulher com uma nova vida.

Horas se passaram, e logo estávamos as duas sentadas a frente da mesa no canto do quarto, com várias opções de refeição. Hope comia em silêncio, enquanto lhe contava um pouco de minha vida, e ainda mais, falava a uma desconhecida, como me sentia a respeito do bebê em minha barriga.

Meu celular de repente começou a tocar e olhei para o visor. Fiquei paralisada por alguns segundos, e apenas a voz de Hope me fez voltar.

— Lizzy?

Pisquei aturdida e pedi licença para a ela, pegando o celular em mãos. Aquela ligação me surpreendia, e tentei reunir coragem para contar a ele de uma vez. Se ele me ligava, era por algum motivo maior. Talvez, porque ainda pensasse em mim. Porém, alguém, além de nós, importava muito mais. Nosso pedacinho de gente.

— Joshua. — falei num só fôlego ao atender, e o outro lado da linha ficou mudo. — Alô?

— *É meu?*

Estranhei sua pergunta.

— O que?

— *O filho que espera.*

Olhei para Hope no mesmo instante, e ela parecia entretida em meio

a comida farta. Tirei o celular rapidamente de minha orelha e tentei controlar meus nervos. Olhei rapidamente as notícias com meu nome, e ali estavam, publicadas há poucos minutos, fotos com a minha barriga aparente. No momento em que entreguei o sobretudo a Hope, e ainda mais, os minutos que conversamos fora do hotel.

— Eu sinto muito, Joshua. — fui sincera. — Eu...

— *É dele, não é?*

— Não! — respondi rapidamente. — O filho é seu. — finalmente confessei, e senti meu corpo livre de tal culpa. — Eu sinto muito por não ter te contado antes...

— *Precisamos nos ver. — cortou-me rapidamente.*

— Eu posso ir onde está e...

— *Eu vou até você. — ele parecia completamente decidido. — Apenas me passe o endereço.*

— Ok. — não sabia mais o que dizer, nunca imaginei tal situação. — Te mando por mensagem.

— *Se for perto, estarei pegando o próximo voo.*

— Não precisa...

— *Eu preciso. — sua voz saiu entrecortada. — Até breve, Elizabeth!*

Sem me dar chances para responder, ele simplesmente desfez a ligação e me senti ainda mais culpada. Digitei rapidamente onde estava, e lhe enviei por mensagem. Ele visualizou, porém, não obtive resposta. Olhei para Hope mais uma vez, e não senti culpa pelo que fiz com o sobretudo, muito menos por não ter me cuidado estando fora do quarto de hotel.

A realidade era que cedo ou tarde todos saberiam. O problema maior era que optei por tarde.

Capítulo 10

“Darling, I have been afraid
I could only call your name
Thank the heavens that you stayed, ooh
But if I'm telling you the truth
When I cut the tether loose
It was me
Saving you”^[19]

Lizzy

Meu celular nunca tocou tanto em toda minha vida. Enquanto Hope dormia confortável em uma das camas, falava baixo na sacada e tentando não acordar. Meus pais já estavam no jatinho da banda, e Joshua em algum voo comercial. A diferença maior era que ele chegaria um pouco antes, já que pelo que conversei brevemente com Mary, ele estava em Chicago. Ela era a única que sabia de fato quem era o pai de meu filho. O qual chegaria a qualquer momento naquele quarto.

Olhei para a Hope em seu sono, e encarei mais uma vez meu celular, e nenhuma mensagem de Joshua. Já deixei liberada sua entrada, assim como a de meus pais. Como já se passaram cerca de quatro horas, tinha certeza que ele estaria ali a qualquer momento. Apenas não sabia como ter aquela conversa. O que esperar? Como explicar a ele tudo aquilo?

O toque da campainha soou e Hope abriu os olhos alarmada. Fui em sua direção e a acalmei.

— É o pai do meu filho. — aquela frase saiu mais fácil do que imaginei. — Pode dormir tranquilamente, nós vamos conversar ali fora. — indiquei a sacada, e ela assentiu. Não queria que ela se sentisse como algum estorvo, e tentasse simplesmente ir embora. Mas também não podia discutir com Joshua na sua frente.

Assim que abri a porta, a visão dele me deixou embasbacada. Mesmo com o semblante claramente cansado, Joshua continuava lindo, de forma, que apenas aquela aproximação, fez-me ferver por ele. Encarou-me fervoroso, e seu olhar recaiu sobre minha barriga, que já sobressaía sob a blusa folgada do pijama. Seus olhos marejaram e ele me encarou com carinho, diferente de tudo que imaginei.

— Eu posso? — perguntou, apontando em direção a minha barriga, e assenti.

O mesmo se ajoelhou ali mesmo, no meio do corredor e tocou com as duas mãos a minha barriga. Senti pela primeira vez em conjunto a emoção da gravidez, de como era de fato gerar uma vida. Era como se a ficha finalmente caísse. Tinha mesmo um pedacinho de gente ali. Um pedacinho nosso.

— Ei bebê, é o papai.

Sua frase me pegou completamente desprevenida e limpei rapidamente uma lágrima que desceu. Tentei falar algo, porém, o olhar de Joshua permanecia em minha barriga, claramente emocionado e encantado. Todo meu ensaio a respeito do que diria de repente desapareceu, nada me vinha em mente. E como na primeira vez em que o tive, esqueci o passo a passo de minha vida, e apenas me deixei levar.

— Você quer entrar? — perguntei, e ele me encarou.

Não poderia nunca imaginar o que viria a seguir, porém de repente ele se levantou e uma de suas mãos encontrou meu pescoço, puxando-me para um beijo. Nunca experimentei tal coisa, mas sabia que existia algo *mais* ali. Praticamente me desmanchei com seu toque, e senti sua outra mão sendo pousada protetoramente sobre minha barriga. No mesmo tempo que ele se aproximou, senti-o se afastar. Senti falta no mesmo instante de seu toque.

— Obrigado, Elizabeth. — sua voz rouca me chamando era como um bálsamo. — Me desculpe por isso, eu...

— Tudo bem.

Senti-me completamente sem jeito e lhe dei espaço para entrar. O mesmo adentrou o quarto, que felizmente era grande, e demorou um pouco para localizar Hope na cama.

— Uma amiga. — expliquei por cima e ele assentiu. A forma como conheci Hope com toda certeza entraria em pauta na nossa conversa. Já que foi naquele momento que tiraram a foto.

Ele apenas assentiu e finalmente notei que não trazia nada consigo. Olhei rapidamente e fiz um sinal com a cabeça, mostrando-lhe a sacada. Joshua me seguiu e logo abriu a grande porta de vidro, e ele passou. Apenas aquela aproximação fez todo meu corpo querê-lo novamente. Finalmente, toda aquela coisa a respeito de hormônios começava a fazer algum sentido.

Escorei-me contra a porta de vidro, e Joshua se sentou numa cadeira

que ficava ali, com toda certeza, para o hóspede apreciar a vista.

— O tal George.

Respirei fundo diante de suas palavras e resolvi começar de algum lugar.

— Ele é filho de Timothy e Valerie, que são melhores amigos dos meus pais e bom, crescemos muito próximos, como amigos. Nunca o olhei de forma diferente, mas percebi há algum tempo que George queria “mais”. — o olhar de Joshua encontrou o meu. — Aquele beijo na livraria foi um momento que ele se aproveitou e...

Ouvi a campainha e engoli em seco, já sabendo quem era.

— Devem ser meus pais. — contei rapidamente.

— Eles não sabem? — perguntou e neguei com a cabeça.

— Ninguém sabia até aquelas fotos serem divulgadas.

Os olhos de Joshua se arregalaram, e tentei escolher as palavras certas. Talvez ele não quisesse encarar meus pais e contar a respeito do que aconteceu. Ainda mais porque da última vez que os encontrou, foi para falar a respeito do noivado com Mary.

— Eu vou ficar e enfrentar tudo com você. — sua voz soou firme e um alívio tomou conta de meu corpo.

— Obrigada.

Saí da varanda e fui em direção a porta. Ao abri-la, meus pais demonstraram claramente em seu rosto a mágoa.

— Oi.

— Tem muito a explicar, mocinha. — meu pai tomou a dianteira e entrou, deixando um beijo em minha testa. — Muito!

Sua voz soou mais firme, no momento em que minha mãe me dava um abraço e tocou minha barriga. Olhei pelo ombro e vi Joshua a poucos metros. Meu pai o reconheceu, sabia quem ele era. Minha mãe me encarou com uma pergunta clara em seu rosto e tentei recuperar minha fala.

— É... — comecei a dizer e me lembrei de Hope deitada na cama a poucos metros dali. O quarto era grande, porém, se tornaria impossível não a acordar. — Podemos conversar em outro lugar, ou melhor, amanhã cedo?

— Lizzy! — minha mãe pareceu inconformada.

— É por ela, mãe. — indiquei Hope, que felizmente permanecia em seu sono. — Prometo que não vou fugir disso.

— Não mais, não é? — o tom duro de meu pai me acertou e assenti. — Apenas me diga, ele é o pai? — perguntou e assenti. Joshua encarou

Luke Willians, claramente sem saber como agir. — Lá fora, por favor!

Meu pai saiu com uma falsa calma, e minha mãe se adiantou, tentando chegar ao lado de fora do quarto, antes dos dois. Porém, assim que pisamos no carpete do corredor, a primeira coisa que vi foi o punho de meu pai encontrando o rosto de Joshua. Os dois tinham o mesmo porte físico, mesmo meu pai sendo anos mais velho, ele ainda sabia como brigar. Algo que minha mãe sempre contou – meu pai não perdia o momento de socar a cara de alguém.

Joshua ficou paralisado e levou a mão ao rosto, no mesmo instante que me aproximei e toquei sua face.

— Merda! — reclamei, e me senti ainda mais culpada. — Ele não sabia, ninguém sabia na verdade. — confessei e virei para meus pais, que observavam a cena atentos, e com sorrisinhos no canto da boca.

Não entendia mais o que acontecia. Por que em um segundo meu pai parecia furioso e no outro tão calmo?

— Está tarde, e já pegamos um quarto aqui, nesse corredor. — minha mãe deixou claro e assenti. — Amanhã cedo estaremos na sua porta, Lizzy.

— Ok, mãe. Obrigada por entender. — ela assentiu e veio até mim, dando-me um beijo em minha testa. Meu pai fez o mesmo, e tocou minha barriga, com um sorriso enorme no rosto.

Logo que saíram, em direção ao fim do corredor, virei-me para Joshua.

— Precisamos por gelo e...

— Está tudo bem. — afastou-se de meu toque e me olhou com pesar. — Amanhã, certo?

— Podemos conversar agora, se quiser e...

— Apenas precisava ter certeza de que era real. — levantou a mão, parecendo querer me tocar, e em seguida apenas a deixou cair ao lado do corpo. — É o nosso filho, não é?

— Sim, nosso pedacinho de gente. — acabei soltando, e um sorriso arteiro surgiu em seu rosto.

— Amanhã cedo estarei aqui, Elizabeth. — deu-me um beijo na testa e se ajoelhou novamente, tocando minha barriga e sussurrando algumas palavras. — Boa noite!

Ele então se levantou e caminhou em direção oposta que meus pais, mas logo o vi tirando um cartão do bolso, e entrando em uma porta. Ele já

tinha até se hospedado. Sorri para o nada e entrei no quarto. Encontrei Hope dormindo, e resolvi me deitar na outra cama, puxando os lençóis para cima. Precisava entender o que Joshua disse nas entrelinhas, e mais, o que faríamos dali para frente. Minha vida acabava de dar mais um giro de 360 graus.

Capítulo 11

“And now all this time
Is passing by
But I still can't seem to tell you why
It hurts me every time I see you
Realize how much I need you.”^[20]

Lizzy

As sete eu já estava de pé, com uma roupa casual, sendo que na realidade mal consegui dormir. Suspirei, virando-me na cama, e Hope se espreguiçou, sentando-se.

— Bom dia. — sorri para ela. — Como foi sua noite?

— A melhor de toda minha vida.

Suas palavras sinceras me pegaram desprevenidas.

— Eu sou muito grata por isso, Lizzy.

Sorri para ela e me levantei, sentando-me à beira de sua cama.

— Sabe que pode ficar, não é? — perguntei e ela arregalou os olhos.

— Não sou ninguém. — confessou não de forma pejorativa sobre si, mas como se fosse apenas sua realidade. — Mal me conhece e...

— O coração não erra a respeito das pessoas. — olhei-a com carinho. — Algo me fez parar e falar com você ontem. Não sou do tipo de pessoa que acredita em coincidências. Posso te ajudar a ter uma vida melhor, Hope. Basta querer ficar.

— Eu não sei o que dizer. — falou de forma rápida, com os olhos marejados. — Ninguém nunca me ajudou.

— Como chegou as ruas? — fiz a pergunta que tanto rondou minha mente.

— De parente em parente, até não sobrar nenhum. — explicou com pesar. — Optei pelo fácil, quando me vi sendo coagida por um familiar a coisas que não queria.

Sua frase morreu e ela pareceu ter uma lembrança atormentadora. Olhei-a, tentando decifrar, e não era preciso ser muito esperta para entender do que ela falava. Hope sofreu algum tipo de abuso ou assédio, era claro em minha mente.

— Não precisa entrar em detalhes se não quiser. — falei, tocando de leve sua mão, e seus olhos se abriram, claramente gratos.

— Ele nunca chegou ao abuso em si, mas era atormentador. — uma lágrima desceu por seu rosto. — Temia pelo dia que as palavras e gestos se tornassem algo ainda pior, e aos dezesseis anos, fugi de casa. Com o dinheiro que tinha, consegui chegar a essa cidade e tentei a princípio uma vida digna, mas... Ninguém queria empregar uma adolescente sem estudo algum, e ainda mais, sem algum responsável.

A vida foi dura com ela, e senti que realmente fiz o certo ao trazê-la. Talvez fosse destinado a acontecer, que justo ontem, ela estivesse sentada perto do hotel, e tenha a visto ali. Um plano maior poderia estar agindo sobre aquilo, e jamais me negaria. Hope, assim como tantas pessoas, que nunca tivera a oportunidade de terem uma vida melhor, merecia sua chance.

— Faz dez anos que estou nas ruas. — preendi uma respiração. — Às vezes parece que foi ontem. — deu de ombros, e tentou se conter. — Ao longo dos anos muitas pessoas me ajudaram, ao menos, para não passar tanto frio. Muitas vezes consigo vaga em algum abrigo, ao menos a noite, para um banho e comida. Mesmo com tudo, sei que fiz a escolha certa ao fugir.

— Você sabe que merece mais que isso, certo? — perguntei com calma, encarando-a. — Posso te ajudar, basta querer ficar.

— Não posso aceitar.

— Por que não? — indaguei-a, a qual abriu a boca algumas vezes, porém nada saiu. — Não existem porquês, Hope.

— Não é algo certo a se fazer.

— O que? Dar uma chance para ter uma vida melhor? — balancei a cabeça de forma negativa. — Algo que nunca tive problemas na vida foi com dinheiro, e sei bem que em 99% das vezes, ele que move o mundo. Porém, dou muito mais valor nos sentimentos, naquilo que vem de dentro. Sinto que preciso te ajudar, por que não deveria o fazer? Por que não pode aceitar?

— Nunca imaginei que... — lágrimas desceram por seu rosto. — Que alguém me daria tal chance.

— Sou Lizzy, sua amiga desde o momento em que aceitou passar a noite aqui. — sua mão apertou a minha e acabei sorrindo. — Podemos mudar sua realidade, Hope. O que me diz?

— Obrigada! — ela pareceu ainda mais emocionada, e surpreendo-

me, puxou-me para um abraço, mesmo que meio sem jeito. Naquele instante, tive a certeza de que estávamos no caminho certo.

Justo eu, que nunca confiei de forma fácil nas pessoas. Vi naquela mulher um brilho o qual não sabia explicar, e estava disposta a lhe dar tudo o que perdeu, e sabia, que não existia outra escolha.

— Bom... — comecei a dizer assim que nos afastamos. — Hoje tenho uma conversa difícil para enfrentar, que se resume em finalmente contar para minha família e o pai do meu filho, tudo sobre a gravidez. Nenhum deles sabia. — Hope arregalou os olhos, claramente surpresa. — Sou meio bagunçada, mas estou tentando consertar isso. Vou pedir café da manhã para você e...

Ouvi a campainha e pedi para que ela esperasse. Fui em direção a porta e a abri, já imaginando serem meus pais ou Joshua. Porém, a imagem de Penelope me pegou completamente surpresa. Ela abriu um sorriso gigantesco.

— Ei, mamãe do ano! — falou, e encarou rapidamente minha barriga, com os olhos já demonstrando emoção. — É real!

Ela então me abraçou, como sempre esbanjando seu carinho. Sorri em meio ao abraço e Penelope parecia verdadeiramente feliz por mim.

— Como está? — perguntou, e lhe dei espaço para entrar. — Ei! — olhou rapidamente para Hope e logo me encarou como quem perguntava “quem é essa?”. — É um prazer, Penelope Harris. — esticou a mão para Hope, que a encarou completamente surpresa.

— Sim, filha de mais nova de Gabe. — expliquei rapidamente, e Hope parecia completamente chocada. — Essa é a Hope.

— Que nome lindo. — Pen falou e Hope a encarou ainda mais surpresa. Poucas pessoas estavam acostumadas com a sinceridade e doçura de Penelope. Mas aquele era o jeitinho dela, bem a sua cara. — Mas você... — virou seu olhar em minha direção. — Tem muito o que contar, senhorita.

Sorri para Pen e assenti. A campainha soou mais uma vez.

— Alguém mais veio com você?

— Não, acho que a maioria foi intimidado pelos seus pais a não aparecer por agora. — deu de ombros. — Mas eu não me importei, peguei o primeiro voo para cá.

— Se tornando uma rebelde sem causa, Penelope? — provoquei e ela sorriu abertamente.

— Com causa, e muita! — olhou novamente para minha barriga. — Ah! A família vai mesmo aumentar. Mas ainda tem que me contar, e principal, quem é o pai do bebê.

Senti-me leve ao ver em seus olhos que ela sequer suspeitava que o filho era de George. Ao menos, Pennelope me conhecia bem para saber que nunca iria para cama com ele, ainda mais sabendo que ela era completamente apaixonada pelo mesmo.

A campainha ainda era tocada e olhei rapidamente de Pen para Hope, sentindo que era perfeita a presença de Pen ali. Ela poderia ficar com Hope, enquanto resolvia minha vida.

— Joshua. — soltei o nome, e Pennelope parecia puxar em sua mente tal pessoa. — Enquanto pensa em tudo, pode te pedir um favor?

— Diga, mamãe urso.

Revirei os olhos para o apelido e sorri.

— Tenho que conversar com meus pais, e ainda mais, Joshua. Todos eles estão nesse andar... Ia deixar Hope sozinha, mas como está aqui...

— Claro, fica tranquila. — Pen pareceu entender meu pedido silencioso, mesmo sem ter ideia de quem Hope era. Meu medo maior era que se virasse as costas, Hope saísse pela porta, e nunca mais a veria. — Vou pedir café da manhã completo, porque viajar de madrugada foi um saco.

— Ok. — sorri para ela e encarei Hope. — Tudo bem para você?

— Claro, Lizzy.

— Preciso resolver isso, e logo volto. — pisquei para ambas e fui em direção a porta.

Ao finalmente abri-la, a visão de Joshua me arrebatou por completa. Será que nunca pararia de me sentir de tal forma ao vê-lo? Um sorriso fraco emoldurava seu rosto, e notei os cabelos molhados, despontando em sua testa. Perdi-me mais uma vez nos olhos mel, e meus dedos coçaram para tocar na barba por fazer. Como podia se tão lindo?

— Bom dia, Elizabeth.

— Oi. — dei-me um tapa mentalmente, por parecer uma completa toupeira a sua frente. — Quer dizer, bom dia.

— Seus pais já apareceram? — neguei com a cabeça.

— Acho que podemos esperá-los aqui. — dei-lhe espaço para passar.

Ele então adentrou o quarto, e por um segundo, foi como se o local

todo fosse tomado por sua presença imponente. Ele ainda carregava consigo o mesmo ar de prepotência que percebi ao olhar sua foto pela primeira vez. Mas de alguma forma, mesmo com todo o ar austero, ele nada mais era que um cara comum, claramente sem muitas manias. O maior problema fora o pré-julgamento que fizera a respeito dele, e no fim, acabei sob e sobre seu corpo. Naquele instante, queria conhecê-lo por completo. Era algo que gritava em meu interior.

— Puta merda!

Virei-me em direção da voz de Pennelope, que encarou Joshua claramente chocada, e acabei gargalhando. Pen raramente dizia algum palavrão, e era impagável sua cara de surpresa. Joshua me encarou com um sorriso e tive que retribuir. Uma ligação entre nós parecia formada, e em meio a seu olhar, mesmo que com expectadores ao redor, tive a certeza de algo que evitei desde o começo.

Não saberia dizer quando aconteceu, mas naquele momento todo meu medo fez sentido – era perdidamente apaixonada Joshua Collins.

Capítulo 12

“Oh no, here we go again
Fighting over what I said
I'm sorry
Yeah, I'm sorry
Bad at love, no, I'm not good at this
But I can't say I'm innocent
Not hardly
But I'm sorry.”^[21]

Lizzy

Assim que adentramos o restaurante do hotel, enquanto meu pai ia fazer os pedidos para o café, apenas andei ao lado de minha mãe e Joshua até uma das mesas. Surpreendendo-me Joshua puxou a cadeira, e o encarei um pouco aturdida, sentando-me em seguida.

— Obrigada.

Ele sorriu genuinamente, e minha mãe, que sentara a minha frente, abriu um sorrisinho esperançoso. Já até poderia imaginar o que se passava por sua mente romântica. Suspirei, finalmente me sentindo capaz de deixar os sentimentos falarem por si. Talvez tudo tivesse sido mais fácil, caso me sentisse pronta para aquilo antes.

Meu pai chegou, e se sentou na cadeira ao lado de minha mãe, passando um de seus braços sobre os ombros dela. Assisti a cena a qual sempre fui acostumada. Os dois nunca deixaram de demonstrar o carinho e amor que sentiam, mesmo nos pequenos gestos.

Lembrei-me que sempre me senti um pouco alheia a tudo aquilo. Por mais que amasse romances em livros, na vida real, era um pouco cética a respeito. Já que duvidava que algum homem um dia me olharia da forma que meu pai olhava para minha mãe, e vice-versa. Sequer sonhava ou esperava me apaixonar por alguém.

Meus olhos recaíram nos de Joshua, que parecia um pouco tenso. Algo em seu rosto era claro, ele com toda certeza não pregou o olho. Seu rosto demonstrava cansaço, assim como a forma que passava as mãos pelo mesmo, claramente tentando ficar atento a tudo. Ele parecia um pouco perdido, assim como os dois pares de olhos a minha frente, que apenas

aguardavam minha iniciativa.

— Pedi algo leve para o café. — meu pai começou a dizer. — Sabe muito bem porque estamos aqui, Lizzy.

— Por onde devo começar? — perguntei com pesar, e coloquei os cotovelos sobre a mesa, deixando as mãos na cabeça. — As coisas entre eu e Joshua simplesmente aconteceram. Claro, que depois que ele estava solteiro. — dei ênfase naquela parte e meus pais assentiram. — Tia Mary sabe a respeito... — encarei Joshua, o qual me olhou atento. — Foi a primeira a saber na realidade, sobre o que aconteceu conosco.

— Que seria?

— Rockstar! — mamãe o encarou sem graça. — Não precisa ser um gênio para saber o que os dois fizeram, aliás, a barriga de sua filha já os delata.

— Obrigada, mamãe. — meu pai revirou os olhos, claramente incomodado. — Enfim, nós ficamos juntos e foi apenas isso. Descobri a gravidez sem querer, no dia seguinte a apresentação de Pen naquele restaurante importante. — encolhi os ombros. — Ela não sabia também, acabei escondendo de todos.

— Por que, filha?

— Por medo. — fui sincera. — Nunca fui uma pessoa que foge do que determino, e de repente, o mundo virou de cabeça para baixo. Eu não sabia o que fazer, a quem recorrer... Senti medo de não entenderem que estava grávida do ex-noivo de Mary. — encarei-os e notei a mágoa clara em seu olhar. Realmente, era uma imbecil. — Senti medo de não receber bem a notícia. — meus olhos se encontraram com os de Joshua, que parecia absorver minhas palavras. — Então decidi que o melhor era dar um tempo, e colocar a cabeça no lugar. Antes de simplesmente jogar tudo no colo de vocês. Acabei tomando todos os cuidados para que não existissem desconfianças e evitei sair do quarto de hotel, apenas o faço quando tenho consulta. — todos me encaravam atentos, e senti-me completamente envergonhada de minhas ações. — Ontem era o dia de consulta, mas acabei mudando meu destino, quando encontrei Hope – a mulher que está no meu quarto – sentada com papelões ao redor na rua, sentindo muito frio e absolutamente abandonada ali. Eu lhe dei um bom dinheiro, lhe dei o sobretudo, mas algo me fez querer tirá-la dali e lhe dar uma oportunidade.

— Lizzy! — minha mãe arregalou os olhos, claramente surpresa.

— Quero ajudá-la a encontrar um novo caminho, longe da fome, frio e abandono das ruas. — suspirei fundo. — Sei que pareço um pouco

boba...

— Foi uma atitude linda, Elizabeth. — Joshua tocou levemente meu braço e assenti, sentindo aquela sensação gostosa de seu toque se espalhar por todo meu corpo.

— Obrigada. — falei baixo e sorri levemente para ele. — Bom, algum paparazzo pegou a cena e... De todo jeito, tudo foi jogado de qualquer forma no colo de vocês! — assumi meu erro, completamente perdida.

— Esse “tudo” é o seu filho, Lizzy. Nosso neto! — mamãe entrevistou e suas palavras eram céticas. A mágoa estampada em sua face. — Tem noção do quanto me ofende saber que minha filha está grávida por notícias na internet, e pior, que teve medo de me contar o que acontecia?

— Eu sinto muito. — respirei fundo, tentando não chorar ali. — Não soube lidar com tudo, e pensei que seria melhor dar um tempo.

— Até o bebê nascer? — papai perguntou claramente chateado. — Onde estava com a cabeça, Elizabeth?

— Eu...

— Com todo respeito, senhor Willians. — Joshua entrevistou e o encarei assustada. — Sei que todos querem saber sobre os porquês de Elizabeth, mas não é bom para ela passar por algum enfrentamento agora. Por mais que ela tenha errado, acho sensato, de todos nós, evitarmos discutir dessa forma.

Um silêncio tomou conta da mesa, e aos poucos, a expressão furiosa de meu pai suavizou.

— Ele tem razão. — suspirou. — Deus do céu! Nosso Lizzy está esperando um bebê, anjo! — ele encarou minha mãe, que sorriu abertamente.

— Parece que a ficha não cai, mesmo te vendo com esse barrigão. — minha mãe falou, tocando o rosto de meu pai, que exibia um brilho sem igual no olhar.

Minha mãe atravessou a mão sobre a mesa, e tocou a minha.

— Já te contamos algumas vezes sobre nossa história, de como nos conhecemos e tudo mais. Mas a melhor parte de nós, sempre será você Lizzy. — apertou com força minha mão. — Apenas prometa para nós que nunca mais vai nos esconder algo assim. — pediu, claramente se segurando para não chorar. — Sua velha mãe não aguenta passar por emoções assim. Não mais! — brincou e tive que sorrir, deixando com que uma lágrima

descesse.

— Eu prometo, mãe. — levei sua mão até os lábios e dei um leve beijo. — E pai? — ele me encarou interessado, segurando a própria emoção. — Obrigada por estar aqui. A todos!

— Somos sua família, anjinho. — sorriu para mim, já se levantando.

Ele logo parou ao meu lado, e me levantei, indo direto para seu abraço. Seu aperto era leve, já que minha barriga ocupava um bom espaço entre nós. Logo senti os braços de minha mãe se infiltrando sob nós e sorri, em meio aquele momento apenas nosso. Lembrando-me da infância repleta de carinho, onde vivíamos tendo momentos como aquele. Me corroía por dentro, saber que os decepcionei absurdamente por não ter contado a verdade logo. Mesmo que eles não demonstrassem de fato tal sentimento, eles mereciam mais de mim.

Olhei brevemente para Joshua, e vi um sorriso lindo emoldurando seu rosto. Ali, apenas pensei em ir para seu colo e dizer a ele que o queria. O queria de uma forma que sequer saberia explicar. Mas que de algum jeito, chegaria a descobrir.



Meus pais ficaram por mais algum tempo, ouvindo-me falar sobre tudo a respeito do bebê. Naquele momento, ele e minha mãe saíram do hotel, para resolver algo na cidade, o que sequer entendi. Mas na realidade, logo percebi que fora uma desculpa qualquer que encontraram para nós deixar sozinhos. Logo me vi dentro de um elevador apenas com Joshua.

— Como consegue segurar a curiosidade para saber o sexo? — perguntou de repente, e encarei nosso reflexo no grande espelho do retângulo de metal.

Sorri para ele um pouco sem graça, e relembrei a conversa de minutos atrás, quando contei a ele e a meus pais, sobre minha saúde e principalmente, a do bebê. Estava para completar quatro meses de gestação, e mesmo que a curiosidade me corroesse. O que decidi guardar tanto para mim quanto para Joshua, era a noção completa sobre nosso pedacinho de gente.

— Acho que foi a forma que encontrei de não saber a respeito de

tudo. — passei a mão de leve por minha barriga, e notei o olhar fervoroso de Joshua com aquele gesto. — Queria que estivesse por perto quando descobrisse.

— Pensando em mim, menina?

Pisquei aturdida diante do apelido e mordi internamente minha boca, sufocando uma resposta muito direta. Como poderia dizer aquilo? Sequer sabia o que aconteceu na vida dele durante todo aquele tempo. As coisas poderiam ter mudado, assim como o seu status de solteiro. Claro que aquele beijo na porta do quarto, pegou-me de surpresa, mas pareceu algo feito no calor do momento. Por mais transparente que Joshua parecesse, ainda assim, era uma completa incógnita. Ao menos, naquele momento.

— Pode ir até meu quarto? — perguntou no mesmo instante que o elevador parou no andar em que estávamos, e apenas assenti, seguindo seus passos.

Em poucos segundos a porta do quarto foi aberta, e adentrei o mesmo. Senti-me novamente na noite em que fizemos amor. Sorri de mim mesma, pela forma como estava pensando sobre aquela noite. Desde quando encarava aquele ato como amor? Como poderia ter me modificado tanto?

Se bem que finalmente comecei a entender o meu grande medo acerca de Joshua. Tudo parecia se relacionar com rejeição. Minhas inseguranças eram muito presentes no dia a dia, e não sabia lidar na maioria dos momentos em que era confrontada. Porém, a vida parecia querer tratar de nos colocar frente a frente mais uma vez.

— Quer algo? — perguntou, e seguiu em direção ao pequeno frigobar, tirando uma água de dentro.

— Estou bem. — sorri sem jeito. — Posso me sentar?

Ele assentiu rapidamente e fui até uma grande poltrona, localizada de frente com a cama.

— Às vezes esqueço que estou com parecendo uma pequena bola. — falei tentando aliviar a tensão dentro do quarto, e Joshua sorriu.

— Seus pais não foram nada sutis ao sair daquele jeito. — ele sabia ir direto ao ponto, e logo após tomar um pouco de sua água, sentou-se na beira da cama e me encarou. — Já pensou o que vai fazer daqui para frente, Elizabeth? Sabe que precisamos ter essa conversa, não é?

— Em torno do bebê, precisamos falar a respeito de tudo. — encolhi os ombros, sentindo-me culpada. — Eu realmente sinto muito por ter

escondido isso de todos, Joshua. Ainda mais de você, que é o pai.

— Tive pouco tempo para assimilar tudo, mas cheguei à conclusão que não sou ninguém para julgar suas atitudes. — deu de ombros. — Foi um caso de uma noite que resultou em algo que nunca imaginou, certo?

Assenti, engolindo o bolo formado em minha garganta, já que começava a entender que talvez estivesse sonhando sozinha acerca de um sentimento diferente entre nós. Um caso de uma noite... sua fala não me passara despercebida.

— Não pense muito, menina. — tentei evitar um sorriso diante do apelido e lembrei-me da forma como me chamou de “menina insolente” em nossa noite juntos. — Então? O que pensa em fazer?

Suspirei fundo, ajeitando-me melhor na poltrona, e prendendo os cabelos num coque bagunçado.

— Resolvi adiar um pouco a volta a faculdade. — confessei, e ele me encarou surpreso. — Não sei explicar, mas depois de um tempo, acabei revendo todas minhas prioridades. E duvido que consiga me concentrar em algum estudo, ao mesmo tempo em que meu pedacinho é muito novo. A realidade, Joshua, é que sempre tive tudo, e digo isso tanto financeiramente, como carinhosamente. Não sou independente, como bem sabe. Tenho vinte e dois anos, e bom, meus pais que pagam minhas contas. Mas não posso simplesmente querer negar isso, justo no momento em que consigo, graças a Deus, optar por apenas cuidar do bebê.

— É uma bela atitude, admitir o que sente a respeito. — Joshua começou a falar, e notei sua posição defensiva. — Sei bem que seus pais têm muito dinheiro, e mesmo que não considere como inteiramente seu, você é muito rica, Elizabeth. Nunca conversamos a respeito disso, mas tenho uma vida estabilizada, e um bom dinheiro no banco. Vou estar aqui para você e nosso filho.

Sorri diante de suas palavras, mesmo que sentisse que aquilo parecia mais uma transação de negócios. Não sentia como se Joshua estivesse disposto a ir adiante, ao menos, comigo. Como pai, ele parecia genuinamente animado. Porém, seu olhar um pouco apreensivo, fazia-me repensar se realmente entendi os sinais a respeito de nós. Seria tarde demais?

— Estou um pouco apreensivo de fazer algo. Na realidade é um convite. — falou um pouco sem jeito, demonstrando seu desconforto.

— Como assim?

— Estou parar abrir um consultório em Chicago. Está tudo encaminhado e... Bom, realmente gostaria que viessem morar comigo. — abri a boca surpresa, sem estar esperando por aquilo. — Sei que parece precipitado, mas, quero poder ficar próximo durante a gravidez, e... Não sei ao certo como fazer esse convite. O apartamento que aluguei é grande, da forma, que caso queira levar Hope... — deixou a frase morrer e me encarou em expectativa.

Fiquei ainda mais surpresa com sua atenção e delicadeza. Não imaginei em momento algum que me chamaria para morar com ele, e muito menos, que incluiria Hope no pacote. Não sabia ainda como a ajudaria, e ainda mais, como a convenceria a me deixar ajuda-la. Respirei fundo, lembrando uma de nossas conversas, onde ela contou que cuidou de seus primos mais novos, quando ainda morava com os tios. Talvez... talvez pudéssemos começar por ali.

— Elizabeth?

— Eu nem sei o que dizer. — passei as mãos pelo rosto, encarando o chão, um pouco confusa com tudo. — Por mais que tenha tido muito tempo para pensar sobre tudo, ainda é muito novo. Digo, ainda mais, a respeito de Hope. Quero que ela estude algo que goste, faça o que queira... Mas não sei como agir as vezes. Tenho medo de que...

— Ela saia correndo? — assenti para ele. — Talvez, a princípio, possa lhe dar algo para se sentir útil. Para que ela se sinta importante.

— O cargo de amiga e quem sabe babá temporária do bebê seria algo bom? — perguntei, acreditando ceticamente que era uma análise psicológica de Joshua a respeito dela.

— Isso a fará ver que tem uma função. Muitas vezes, pessoas da rua, pensam que são inúteis, e por isso, evitam contato e até mesmo ajuda. Se ela puder retribuir o que fez, aposto que será mais fácil.

— Obrigada. — sorri grata pra ele. — Mas sobre nós... — tentei parecer indiferente. — Sei que foi o caso de uma noite e que... O tempo passou... Tive tempo até demais para tentar entender o que aconteceu. Só queria...

As palavras ficaram presas em minha garganta, não sabia ao certo como fazer tal pergunta.

Só queria entender que não sou a única a sentir que algo pode explodir toda vez que te vejo, te toco, te tenho por perto... e pior, quando está longe. Saber se existe, mesmo que remota, a chance de estar aqui não só pelo bebê, mas por mim. Por nós.

Engoli em seco, guardando tais palavras em meu coração. Não podia agir daquela forma, não naquele momento. Parecia egoísta demais, além de tudo o que fiz até o momento, apenas girou em torno de meu próprio umbigo. Era pelo nosso filho que ele estava ali. As coisas seria assim.

— Agradecer. — finalmente encontrei minha voz. — Por não me julgar, por tentar me entender... E, pensando a respeito do que é melhor. Acho que morarmos juntos, talvez seja algo realmente precipitado, mesmo assim, podemos tentar. — soltei minha real vontade, e ele piscou surpreso, abrindo um sorriso. — Nosso pedacinho de gente passou muito tempo longe de você. — encolhi os ombros, ao perceber que mesmo atribuindo tudo a nosso filho, queria que Joshua, simplesmente me dissesse que era por muito mais. Porém, teria que apenas aceitar o que tinha naquele momento.

— Pedacinho de gente... — sorriu com meu apelido e senti minhas bochechas arderem pela vergonha. Era tão comum chamar meu bebê daquela forma, que simplesmente saía. — Obrigado por aceitar, Elizabeth!

Ele então se levantou e veio até mim, ajoelhando-se em seguida. Pediu permissão com o olhar, e logo sua mão tocou minha barriga de forma leve com muito cuidado. A cena me emocionou novamente, sem conseguir entender quando me acostumaria de fato com seu toque. Queria poder simplificar tudo e dar um passo maior, dizer que moraríamos juntos não apenas pelo bebê. Mas sentia a cautela que Joshua mantinha, ainda mais, por nos conhecermos tão pouco.

Talvez eu fosse apenas impulsiva em meio a tudo aquilo, alguém disposta a muito mais do que Joshua poderia me oferecer. Porém, não negaria estar perto dele. Muito menos o sentimento o qual me despertava. Não mais.

Capítulo 13

“You better recognise, this isn’t some accident
You better understand, my love is magnificent
I hope you feel it too, so out of the ordinary
I know when things are new, they can be kinda scary
You can search everywhere
But just know that I’m rare” [\[22\]](#)

Dias depois...

Joshua

— Senhor Collins? — virei-me ao som da voz de Hope, e franzi o cenho, desacostumado com aquele tratamento.

— Apenas Joshua, ou Josh de preferir. — dei de ombros. — O velho Clint apenas quis elaborar com esse “a”.

Ela abriu um singelo sorriso, e ainda parecia um pouco acanhada com minha presença. Os olhos azuis demonstravam seu receio de estar próxima a mim, e mesmo não sabendo muito a respeito dela, pelos anos de experiência como psicólogo, já imaginava que algum homem a teria machucado.

— Eu gostaria de agradecer. — suspirou fundo, apertando uma mão na outra. — O que Lizzy fez por mim, o que estão fazendo... Eu serei eternamente grata.

— Apenas queremos que seja feliz, Hope. — ela assentiu, tirando algumas roupas da sacola. — E não se intimide com o jeito elétrico de Elizabeth, ela apenas quer te dar o melhor.

— Foram muitas horas no shopping e muitas roupas. — comentou um pouco sem graça. — Prometo cuidar muito bem da casa e... do bebê de vocês.

Vi nela um reflexo meu, e fui levado a muitos anos atrás. Quando me vi a frente de Clint Collins, e o mesmo me ofereceu uma nova vida. Hope não tinha ideia, nem mesmo Lizzy, mas um dia, estive numa situação bem similar. Eu a entendia, ainda mais o seu receio em errar com algo, e sempre estar disposta a ajudar. Foi meu mantra aos dezesseis anos, fazer de tudo para recompensar Clint, por ter me acolhido. Foi a forma de mostrar a

ele meu valor, e vi que Hope fazia o mesmo.

— Estamos muito felizes por estar aqui. — fui sincero. — Mas como pode ver, sua amiga está atrasada para a consulta. Tem certeza que não quer nos acompanhar? — ela negou com a cabeça. — Tudo bem. Vou chamar Elizabeth.

Saí da sala de estar, e fui em direção ao corredor que dava para os quartos. Assim que cheguei ao quarto onde Elizabeth deixou suas coisas, notei a porta semiaberta, e entrei. Fiquei paralisado diante da cena à minha frente. Elizabeth estava sentada na cama, com a blusa virada para cima, de forma que sua barriga ficou à mostra. Ela passava a mão na barriga e cantava uma música baixinho. Fiquei completamente encantado, pois, de alguma forma, aquela mulher tinha em si uma luz própria. Algo que com toda certeza, estava passando para nosso bebê, ou melhor, nosso pedacinho de gente.

— Quando começar a falar, vai cantar junto comigo. — fez carinhos de leve e parou a mão em um lugar, com um sorriso enorme no rosto. — Será agitado, não é?

Ela então levantou o olhar e me encontrou parado, apenas a observando.

— Vem cá. — pediu, e andei até ela, parando à sua frente.

Ela então pegou minha mão direita e colocou no mesmo local onde a sua estava anteriormente. A encarei sem entender, porém, quando senti um leve momento sob meus dedos, arregalei os olhos, e a encarei surpreso.

— Um pedacinho de gente que gosta de atenção. — falou, encarando-me com carinho.

Não queria me iludir, ainda mais por estarmos compartilhando um momento único a respeito de nosso bebê. Porém, era como se encontrasse em seu olhar, a correspondência que tanto necessitava. O amor de Elizabeth. Pelo qual estava completamente disposto a lutar.

Os meses longe dela praticamente me sufocaram. Não conseguia entender ao certo como me apaixonei tão rápido, ainda mais, pelas esporádicas vezes que nos esbarramos, e pior, pela forma como nos afastamos. Ela era como uma alma livre, e temia que nunca me enxergasse, ainda mais, por talvez, se sentir presa a mim de alguma forma.

Não era apenas pelo bebê que a convidei para estar comigo, era por nós. Por não conseguir tirá-la de minha mente e muito menos, de meu coração. Fora o inferno imaginar que fui apenas mais um, e talvez, não

passasse mesmo daquilo. Porém, imaginar que ela tinha outro, como aquelas imagens diziam, e pior, que fora apenas usado, foi como voltar a um passado o qual não era nem um pouco bonito.

Porém Elizabeth não era Faith, e com toda certeza, não era o mesmo Joshua de antes. E mesmo marcado pela dor do passado, no momento em que vi sua barriga naquela foto, algo fora despertado dentro de mim. Senti que era pai mesmo sem ter qualquer confirmação, mesmo que qualquer outro cara pudesse ser o sortudo. Felizmente, naquele momento, o destino estava a meu favor. Elizabeth carregava um filho meu – que ainda chutava animado em sua barriga.

— Não tinha sentido dessa forma ainda. — comentou, claramente emocionada. — É real, não é? Vamos mesmo ter um bebê. — sorriu genuinamente.

— Sim, menina. — toquei seu rosto com carinho e limpei suas lágrimas. — Que tal irmos na consulta e sabermos ainda mais sobre o nosso pedacinho?

— Meu Deus! — praticamente pulou da cama e puxou a blusa para baixo.

Correu em direção ao grande espelho do lado esquerdo do quarto e ajeitou os cabelos. Sorri com aquela cena, pois parecia algo rotineiro, e tinha certeza, poderia me acostumar facilmente com sua presença – com nós dois juntos.

Lizzy

Coloquei minha bolsa no ombro e saí do quarto, o qual agora seria meu novo lar. Suspirei pesadamente pensando em como minha vida mudou de repente, mas sentia de que um jeito bom. Meus pais se alarmaram no segundo em que contei a respeito de minha decisão, porém, a respeitaram. Os dois pareciam entender o que me atormentava, sem ao menos precisar traduzir em palavras. Mary e Damien ficaram completamente felizes por nós, de forma que jamais esperei, e Penelope só faltava vestir uma camisa com #TeamJoshua estampado. Ela o adorou. Suspirei, sabendo que ao contrário dela, George simplesmente me excluiu de sua vida. Resolvi não forçar uma situação, e esperava que num futuro próximo, ele percebesse

que não era apaixonado por mim.

Assim que adentrei a sala, encontrei Hope dobrando algumas roupas e a encarei inquistivamente, ao notar que ela não parecia pronta para sair.

— Não vai mesmo conosco? — perguntei e ela negou, um pouco sem jeito.

Era estranho me sentir tão à vontade com alguém que sequer conhecia, mas ela me trazia uma paz sem tamanho. Assim, resolvi respeitar sua decisão e apenas assenti. Virei-me em direção a Joshua, que já estava com as chaves do carro em mãos, e encostado contra a porta. Com certeza irado com minha demora. Sequer percebi o atraso. Passei a mão por minha barriga, sabendo bem o porquê o tempo passava e não notava. Ser mãe me tornara diferente.

Sorri sozinha e logo notei o olhar interrogativo de Joshua para comigo. Não lhe disse nada, apenas fui até seu encontro, passando as mãos por seu peito e o puxando para um abraço. De algum jeito, necessitava de seu toque, mesmo que como simples amigos.



Olhei para a tela e fiquei um pouco perdida, sem ter qualquer noção do que aparecia ali. Lembrei-me do que minha médica anterior falou, a respeito dos batimentos cardíacos, nutrição, formação e ademais. Porém, naquela primeira consulta em Chicago, e ainda mais, por ser a primeira de Joshua, tinha tudo para ser especial.

— Querem saber o sexo? — a médica perguntou e encarei Joshua, que estava claramente ansioso.

— Sim, doutora.

Ela sorriu e passou mais uma vez o aparelho sobre minha barriga.

— Bom, um dos bebês é um pouco tímido, mas acabou querendo se mostrar. — a encarei sem entender. Como assim bebês? — Parabéns, papais. São duas meninas!

Arregalei os olhos diante de sua declaração e logo senti a mão de Joshua sobre a minha.

— Dakota me avisou a respeito, que escolheu não saber nada a

respeito dos bebês. — assenti, lembrando-me da indicação de minha antiga médica, que passou todo meu histórico para a atual. — Mas pelo que vejo, elas estão muito bem. E já estamos entrando no quarto mês de gestação.

Joshua fez uma pergunta para a médica, a qual ignorei prontamente. Imersa naquele sentimento que me arrebatou. Apenas consegui sentir sua mão na minha, e seu olhar compenetrado no meu. Lágrimas desceram por meu rosto, assim como brilhavam nos olhos dele. Seríamos pais de gêmeas. Dois pedacinhos nossos. Aquela felicidade que explodia em meu peito acabara de duplicar. E quando Joshua pegou minha mão e levou até seus lábios, deixando um leve beijo, tive a certeza – ele se sentia da mesma forma.

Capítulo 14

“So we'll piss off the neighbours
In the place that feels the tears
The place to lose your fears
Yeah, reckless behavior
A place that is so pure, so dirty and raw
Be in the bed all day, bed all day, bed all day
Fucking in and fighting on
It's our paradise and it's our war zone.”^[23]

Lizzy

Olhei para a porta do apartamento pela milésima vez e revisei em minha mente se aquele era uma boa escolha. Encarei novamente minha escolha de roupa, ou melhor, a falta dela, e fui a passos largos até meu atual quarto. Passaram-se duas semanas desde o momento em que nos mudamos, e em todos os dias, Joshua se mostrava atencioso, carinhoso e nossa aproximação aumentou.

Ele voltou a trabalhar, porém, sempre que estava em casa, passávamos um bom tempo juntos. Seja assistindo um filme na sala ou comendo algo. Aqueles pequenos momentos passaram a se tornar únicos em minha memória, e parecia contar horas para que chegasse o momento em que ele atravessaria a porta. Hope se tornou minha confidente, e assim como Pen, sorria de meu desespero, mesmo que ambas não fossem *experts* em relacionamentos.

Sequer eu era... Porém, os olhares e gestos de Joshua pareciam claros. Ele claramente estava se segurando para me dizer algo e até mesmo, jogar-me sobre sua cama. Sentia que a atração entre nós estava a flor da pele, e não conseguia mais me segurar. Não podia simplesmente fingir que só amizade funcionaria. Queria mais dele. *Mais* com ele.

Olhei para meu reflexo e sorri, aprovando meu visual. Usava apenas uma lingerie rendada de cor branca, destacando meu tom de pele, com os cachos soltos em cascatas e o rosto com uma leve maquiagem. Um robe de seda branco completava o pacote. Meus seios pareciam ainda maiores naquele sutiã e notei cada pequena mudança em meu corpo, que se tornara algo maravilhoso, pois era devido a minhas bebês. Pensei em uma forma de

parecer sexy com aquela barriga, e me via assim no espelho. Sexy e poderosa!

Será que Joshua me veria assim?

Hope já dormia e agradeci internamente por ela o fazer cedo. Eram por volta das oito da noite, e esperava ansiosa a chegada de Joshua. Voltei para a sala e me sentei na poltrona, que dava uma visão perfeita da porta de entrada. Joshua chegaria a qualquer minuto, e estava eufórica por aquele momento. Meus dedos coçavam para percorrer cada pequeno pedaço de seu corpo.

Só de me lembrar dele, senti um desejo descomunal percorrer todo meu corpo. Ele me causava sensações nunca antes ponderadas. Era como um vício, desde o momento em que nossos olhos se encontraram. Tentei evitá-lo ao máximo desde aquele desejo despertado, mas tudo agora fazia sentido. Era para ser. Estávamos destinados.



Os minutos esperando se tornaram horas, e quando vi, já se passava de meia-noite. Suspirei cansada e me dei por vencida. Estava há quatro horas o esperando em vão. Olhei novamente para meu celular, na esperança de encontrar alguma mensagem dele ou ligação. Como antes, não tinha nada. Talvez porque ele não me devia nenhuma satisfação. Talvez porque ele estivesse transando por aí. Talvez porque esteja criando em minha mente a cena de um amor inexistente da sua parte.

Segurei o grito no fundo da garganta e me neguei a chorar. A passos firmes voltei para o quarto, e comecei a tirar aquela lingerie de qualquer jeito. Joguei tudo no chão, com raiva e frustração, por ter a quase absoluta certeza de que não significava nada além da mãe de suas filhas. Adentrei o closet e comecei a procurar um blusão qualquer e shorts confortáveis para dormir. Quando finalmente alcancei o lugar onde Hope os colocou, bufei ao derrubar uma caixa preta, que se abriu, espatifando tudo pelo chão.

Merda!

Aquela caixa não me pertencia, e por um momento cogitei a possibilidade de não mexer, já que era noite, estava cansada e frustrada para qualquer arrumação. Mas assim que terminei de me vestir, uma foto

chamou minha atenção. Prendi a respiração por um segundo, e senti um leve movimento em minha barriga.

— Shhh, pedacinhos da mamãe. — passei a mão de leve em minha barriga, tentando acalmá-las.

Agachei-me e peguei a foto, que me deixou completamente paralisada. Era Joshua, claramente mais novo, vestido todo de social com um sorriso enorme no rosto. Do seu lado, uma mulher loira parecia tão feliz quanto, só que vestida de branco – um vestido de noiva, com véu e grinalda.

Olhei para as fotos espalhadas e até vasculhei a caixa, em busca de mais alguma foto deles, porém, não encontrei nada. Nada além de Joshua e um homem mais velho, que imaginei ser seu pai. Segurei aquela foto em meu peito, e logo a virei, torcendo para que estivesse escrito melhor amiga ou algo do tipo.

Senhor e Senhora Collins

Foi impossível evitar uma lágrima e não me controlei mais. Senti como se uma faca atravessasse meu peito, como se finalmente a realidade me batesse. Sequer sabia da vida dele, e aceitei tudo, prontamente. Joshua conhecia minha família, de onde vinha, meu sonho de carreira... Até mesmo compartilhei com ele durante aqueles dias, muito de meus gostos pessoais, como música, comida, livros. Mas o que realmente sabia dele, além de seu nome, a profissão de psicólogo e o fato de ser ex-noivo de Mary?

Nada!

Não sabia absolutamente nada.

Aquela fotografia apenas jogou a realidade em meu colo, como se fosse uma grande idiota. Como se o mundo finalmente girasse e me mostrasse que nada mudou. O amor não era algo real em minha vida, Joshua não fazia parte dele – ao menos, não o queria fazer. Era inexperiente naquilo, porém, sempre soube que um relacionamento era construído com confiança. Claramente, Joshua não a tinha comigo.

Sentei-me sobre a cama e um soluço soou alto, em meio ao silêncio daquela noite. Estava quebrada.

Joshua

Em casa.

Finalmente me sentia bem ao fim daquele tórrido dia. As consultas iam bem, a vida em Chicago tranquila, até o momento em que um número desconhecido me ligou e perguntou se conhecia Hudson Ricci. Meu amigo estava completamente bêbado num bar, a ponto de não conseguir se colocar em pé. Fui até o tal bar e levei Hudson para seu apartamento, mas ele não estava com as chaves.

A partir dali tudo foi um caos. O sacrifício para levá-lo para casa, a espera para sua irmã aparecer e abrir o apartamento, além de dar-lhe um banho e colocá-lo na cama. Mal percebi, quando finalmente parei após toda aquela luta, e me encostei contra a cabeceira de sua cama, logo após Hillary sair, o quanto estava cansado. Acabei pegando no sono sem perceber.

Mas finalmente cheguei em casa, e poderia ter paz. Deixei minha maleta sobre uma das banquetas e já abrindo alguns botões de minha camisa social, segui em direção a meu quarto. Precisava de um bom banho, e depois, como rotineiro, passaria no quarto de Elizabeth, lhe daria um beijo na testa de boa noite e conversaria um pouco com minhas pequenas. Elizabeth não fazia ideia, mas aquilo se tornou meu prazer pessoal. Poder velar seu sono todas as noites. Onde minha real vontade era me deitar ao seu lado da cama e puxá-la para meus braços, ter todo meu mundo em um só abraço.

Parei os passos no momento em que escutei um soluço alto. Franzi o cenho e notei que vinha de seu quarto. A porta estava entreaberta, e assim, adentrei o cômodo. Elizabeth estava sentada sobre a cama, com algo em uma das mãos, e a outra em seu peito, claramente abalada. Aproximei-me dela com cuidado e me apavorei um pouco, sem entender o que aconteceu.

— Ei, menina. — a chamei, e assim que seus olhos encontraram os meus, não consegui entender seu olhar.

O que aconteceu, afinal?

— Menina? — sua voz saiu assustadoramente fria, e me calei, sem saber o que pensar. — Quando pensou em contar algo a respeito de si para a *menina*? — debochou e veio até mim, batendo o que tinha em mãos contra meu peito.

Pisquei aturdido e assim que olhei para o que ela bateu, comecei a entender o que acontecia. Sequer lembrava da existência daquela foto, já

que pensara ter ateado fogo em todas. Suspirei fundo e encarei Elizabeth, que estava perto da porta, com os braços cruzados e os olhos em claro desprezo.

— Por que está assim? — perguntei, mesmo que já desconfiasse da resposta.

— Por que? — ela estava irada, e sua voz subiu um tom. — Porque descobri que o cara com o qual vim morar, e que fiquei horas esperando, é um filho da puta! Que sequer teve a coragem de me contar que um dia foi casado! Que finalmente percebi que não sei *nada*... — riu sem vontade. — Nada a respeito de você!

— Elizabeth, eu...

— É uma piada, Joshua? Uma brincadeira? — deu passos para perto de mim, e quando finalmente ficou a minha frente, notei a clara fragilidade em seu olhar. Era justamente aquilo que quis evitar. — Sou um fardo? A menina que precisa de cuidados porque carrega suas filhas? — ela estava quase gritando e me segurei para não despejar tudo ali mesmo. Temia por sua reação, e pior, pela sua rejeição.

— Não pode se estressar assim, Elizabeth.

— Não posso?! — colocou um dedo sobre meu peito. — Não me diga o que diabos posso fazer! Não finja que se importa! Não comece um discurso de merda sobre...

— O quanto sua boca insolente me tem por completo? — segurei sua mão e a puxei o máximo que pude, até deixar nossos corpos colados, e ela piscou assustada, completamente surpresa.

Os olhos ainda tinham lágrimas não derramadas, assim como o rosto todo manchado pela maquiagem e o cabelo completamente bagunçado. Sem que esperasse, ela se afastou e se virou de costas. Quando me encarou novamente, vi o quanto aquilo a abalou.

— Por que fica brincando comigo? — perguntou baixo, longe de sua armadura, de sua raiva incontida. Elizabeth acabara de desnudar sua alma. — Por que não me disse que simplesmente quer ser o pai das meninas e me deixou ir?

Suspirou profundamente e passou a mão pelo rosto, claramente perdida. Suas perguntas pareceram mais para si mesma. Porém, já era tarde demais para esconder, e a hora certa para lhe entregar a verdade. Eu a queria, como minha mulher. O tempo de paciência passou.

Dei dois passos e toquei de leve seu queixo, o que ela rechaçou.

Insisti e fiz com que me olhasse, mesmo que contrariada. Os olhos verdes me atingiram em cheio, e mais uma vez, tive a certeza. Caí perdidamente por ela.

— Porque eu te amo.

Elizabeth arregalou os olhos e pareceu ter entrado em seu próprio mundo, como se não acreditasse no que ouvia, e muito menos, no que acontecia.

— Porque me conquistou desde o primeiro olhar, menina. — falei de forma mais calma, e subi meus dedos para seu rosto, deixando um leve carinho em sua bochecha. — Porque quero ser seu, mesmo que não me queira.

Ela parecia sem reação, e então apenas a guiei até a cama, e fiz com que se sentasse em meu colo. Nossa aproximação fez com que todo meu corpo reagisse a ela, porém, precisava contar partes minhas ali. Lhe mostrar o que era, e assim, fazer com que meus sentimentos valessem a pena.

— Não lhe contei a respeito de Faith porque notei que era insegura desde o momento em que nos vimos pela primeira vez. Você se protege sem ao menos precisar, sem que alguém ataque. — Elizabeth me encarou com pesar, mas não negou. — Não queria te estressar com algo que já passou. Com algo que apenas me fez sofrer.

Seus olhos estavam atentos e baixei a cabeça, tomando coragem para lhe contar tudo.

— Sequer sabia que ainda tinha essa foto, muito menos que a trouxe para esse apartamento. Pensei ter queimado tudo a respeito de Faith e eu... — suspirei, sem querer lembrar daquela noite. — Mas acho melhor começarmos do começo, certo? Fui abandonado pela minha família quando completei quinze anos. — seus olhos se arregalaram e apenas meneei a cabeça em sua direção. — Um ano depois disso, eu estava mexendo numa lixeira em busca de comida, e foi quando Clint Collins me encontrou. Ele se tornou meu pai naquela noite. — confessei, sentindo todo o amor que apenas aquele homem me proporcionou, escolhendo-me como seu filho. — Ele mudou meu nome de Josh para Joshua, e me deu seu sobrenome. Os anos com ele foram os melhores de toda minha vida, e todo os dias tentei lhe mostrar que não o faria se arrepender de ter me adotado.

— Por isso entende Hope. — comentou e assenti.

— Um dia, estive no mesmo lugar. — balancei a cabeça, com a dor no peito ao ter que lhe contar sobre aquilo. Mesmo após tantos anos, ainda doía lembrar a respeito da morte de Clint. — Infelizmente, Clint chegou a

falecer de um problema cardíaco. Ali, minha vida pareceu perder todo o sentido. Ele era um homem muito rico, mas me deu muito mais que dinheiro, deixou-me mais do que uma grande herança... Ele fora meu pai por escolha. Nada pagaria por aquilo.

— Ela parece ter sido um homem incrível. — minha menina comentou e tive que sorrir, deixando com que uma lágrima rolasse por meu rosto. Elizabeth passou o dedo com carinho, a limpando.

— Ele era... o melhor. — suspirei cansado. — Nesse meio tempo conheci Faith, e acho que por conta de toda minha carência, apostei alto com ela. Ao menos, pensei que seríamos felizes para sempre. Só que após poucos meses de casados, descobri que Faith me traía. — senti Elizabeth retesar em meu colo, claramente alarmada. — Ela me quis pelo dinheiro e descobri isso tarde demais, depois que estávamos morando juntos, com as alianças no dedo. Só que a perdoei, imaginando que fora apenas vez. Mas não foi... Eu tentei, sabe? Tentei fazer para dar certo, mas ela começou a mudar, e deixar claro que não daríamos certo. Ela queria o dinheiro que o divórcio lhe daria, soube disso no momento em que ela contou que estava grávida... de outro homem. — não me doía mais o que Faith o fez, pois naquele momento, com Elizabeth ao meu lado, tinha a certeza de que nunca cheguei a amá-la. Porém, era vergonhoso contar que fora feito de imbecil. — Nós brigamos, as verdades vieram à tona, e assim que ela saiu com o carro, coloquei fogo em tudo o que me lembrava ela... — fechei os olhos, não querendo relembrar, aquilo era o que me machucava.

— Josh...

— Faith ultrapassou um sinal vermelho e um caminhão acertou em cheio o carro. Ela morreu na hora. — finalmente confessei, e não consegui olhar para Elizabeth. — Por anos me culpei, pois se não tivesse brigado com ela, talvez ela estivesse viva. Ela não era a mulher da minha vida, mas nunca lhe desejei aquele fim.

Elizabeth não disse nada, apenas me puxou para seus braços, e ali, me abraçou com força, da forma que podíamos. Em seus braços, deixei com que algumas lágrimas descessem, e que o passado ficasse em seu lugar. Ela era meu futuro, assim como nossas filhas. Éramos nós dali para frente.

— Não sabia como te contar, pois temi te deixar assim. — fui sincero. — Não queria que nada ficasse entre nós.

— Joshua... — sua voz soou fraca, e subiu uma mão para meu rosto. — Eu sei que pirei. — respirou profundamente, parecendo querer encontrar as palavras certas. — Tenho medo do que sinto por você, e saber que não o

conheço por completo...

— Te fez ficar insegura? — assentiu sem graça, e peguei sua mão entre os dedos, dando um leve beijo. — Sou apenas seu, menina. Mesmo quando sequer sabia.

— Acho que preciso confessar algo também, não é? — perguntou, ajeitando-se em meu colo. — Sofri *bullying* durante praticamente todo o colégio, devido ao fato de não ser boa em aprender. Minha terapeuta diz que isso interligado ao fato da perseguição de paparazzi, e a pressão de pessoas de fora para que fosse uma pessoa perfeita, me fizeram adoecer. Sofro com depressão e ansiedade, Josh. — aquilo não me surpreendia, porém, soube naquele momento que se pudesse a colocaria em meu colo e não deixaria que nada mais no mundo a machucasse. — Comparações me machucam, o fato de ler algo e não conseguir interpretar me enlouquece... Aos poucos, tenho aprendido a controlar. E de algum jeito, desde que descobri a gravidez, sinto-me tão completa que não tive uma crise. — falou claramente orgulhosa de si, e beijei suas mãos. — Bom, agora sobre minha imaturidade... — sorriu levemente. — Quando lhe deixei dinheiro e aquele bilhete no criado mudo, foi porque o ouvi dizendo que amava Mary.

— Mas...

— Shhh. — tocou meus lábios com os dedos. — Eu sei, e acredito que não a ama como mulher. Eu só não esperava me apaixonar por um homem relativamente proibido e... Sequer queria me apaixonar, Josh. — riu levemente. — Hoje, me arrumei toda para te esperar, no intuito de te seduzir e lhe contar que te quero como meu. Que estou completamente apaixonada por você.

Suas palavras me atingiram em cheio e abri a boca cerca de dez vezes, digerindo-as. Ela não podia estar falando sério... *Podia?*

— Não me olhe assim, moço prepotente. — sorriu em minha direção e aproximou nossos rostos. — Sou insegura, confusa, imatura e tenho minha carga... Mas eu te quero, Joshua. Não quero mais mentir, fingir ou correr... quero ser sua.

Ela encostou nossas testas e suspirei em meio aquele momento. Nossas almas pareciam livres uma a outra, assim como nossos corações. Nenhuma palavra mais precisou ser dita, apenas uni nossos lábios, tomando seu gosto de volta. Sabendo que nenhum dia mais de nossas vidas passaria sem aquilo. Finalmente, ela era minha. E eu, completamente dela.

Capítulo 15

“You've already won me over in spite of me
And don't be alarmed if I fall head over feet
And don't be surprised if I love you for all that you are
I couldn't help it
It's all your fault.”^[24]

Lizzy

— Hope! — chamei minha amiga, que apareceu em meu campo de visão em menos de dois segundos. — Mulher, não some desse jeito!

Levei as mãos ao peito e ela soltou uma gargalhada.

— Estava no meu quarto lendo, Lizzy. — deu de ombros.

— Estou um pouco nervosa, digo... Será que deveria me sentir assim?

— Não sei. — foi sincera, e me senti ainda mais perdida. — Será que os homens se sentem assim quando vão pedir alguém em casamento? — perguntou para o nada, e mordi o lábio inferior, tentando pensar.

Ok, talvez aquela tenha sido uma péssima ideia.

— Acha que estou me precipitando? — perguntei e Hope veio até mim, tocando meus ombros.

— Calma, Lizzy. — respirei fundo, e logo ouvi um choro baixinho. — Pelo som baixo, desconfio que seja Lana!

Sorri para minha amiga, já que fazíamos aquilo praticamente todas as vezes. Hilana e Kamila completavam dois meses de vida naquele dia, e se não fossem as pulseiras em seus pulsos esquerdos, era praticamente impossível de separá-las. Meu instinto de mãe sempre acertava, e agradecia internamente por aquilo. Porém Hope ainda tentava acertar pelo som, já que as olhando, não conseguia.

— É a Kami. — comentei e Hope me encarou desapontada. — Logo você vai acertar, fica tranquila.

— Sou uma péssima babá. — afastou-se de mim, e assim como ela, segui até o carrinho de bebê, para duas, onde uma chorava, e a outra permanecia em seu sono tranquilo.

Quem as visse ali, jamais imaginaria o quanto gostavam de dar um

show completo de madrugada. Eram capazes de deixar eu, Joshua e Hope de cabelo em pé, mas quando as olhava assim, tudo valia a pena.

A dor em meus seios, as noites mal dormidas, as costas doloridas... Tudo valia quando olhava para as duas perfeições de minha vida, meus pedacinhos mais lindos. Elas tinham os cabelos loiro escuro como os meus, a pele clara dele e seus olhos cor de mel. Os detalhes de seus rostinhos eram difíceis de decifrar, já que sempre entrávamos num embate de com quem elas mais se pareciam. Mas no fim, o que importava de fato eram ser nossas.

Hope pegou Kami em seu colo e a ninou um pouco. A pequena fez mais um pouco de manha, mas logo se entregou ao sono mais uma vez. Eram por volta de duas da tarde, e continuávamos discutindo a respeito de meu pedido. Aquele era um dia crucial, e não sabia ao certo o que fazer. Muito menos se Joshua iria gostar. No fundo, torcia para que no fim da noite, em nossa cama, ele repetisse por várias vezes um “sim” em meu ouvido.

Peguei o celular e notei uma mensagem de Joshua, que comentava que mal esperava a hora de chegar em casa e estar com as mulheres de sua vida. *Deus, como eu o amava!* Sorri e o respondi, sentindo-me ainda mais no caminho certo. Uma mensagem de Pen chegou e a abri. Minha amiga mandou apenas um link e um emoji de sorriso enorme. Estranhei e cliquei no link. Quando a página se abriu, suspirei diante da foto que emoldurava o post.



ELIZABETH HALL WILLIAMS... COLLINS?



Realmente, o coração de Elizabeth Willians nunca pertenceu a George Maxine. Isso foi confirmado por uma fonte para lá de confiável. Penelope Harris, já chamada de princesa do pop da nova geração, e amiga íntima de Lizzy, afirma que a amiga está feliz com suas bebês e o homem de sua vida.

“Lizzy apenas quer paz, para ela, Joshua e todos ao seu redor... Ela é feliz!

Se forem especular sobre algo, especulem sobre como aqueles dois se amam. Essa é a verdade. ”

Abaixo vemos uma foto do casal postada no instagram de Joshua Collins. Aliás, ele não poupa declarações de amor para Lizzy, e muito menos, para suas bebês. Uma família perfeita, certo? Aguardamos ansiosos pelo

casamento, quem não?”

Sorri diante da matéria e pela primeira vez na vida não me incomodei com o fato de minha vida ser exposta ali, e muito menos, por terem me chamado de Lizzy. Aos poucos, aprendia a lidar com tudo aquilo. Pois felizmente, tudo o que retrataram ali vinha de uma pessoa que amava, minha melhor amiga. Nada era mentira. Realmente, tudo o que queria era paz para seguir.



A noite chegou e com ela, minha ansiedade apenas aumentou. Penelope já estava ali, assim como quase todos de minha família. Apenas George, Damien e Mary faltavam. Além do amigo de Joshua – Hudson. O apartamento enorme de Joshua de repente pareceu pequeno para tanta gente.

— Quem é a menininha mais linda? — Valerie perguntou levantando Kami para cima. Logo olhou para Lana no colo de seu marido, Tim, e sorriu abertamente. — Exatamente, não temos uma, mas sim duas meninhas lindas!

— Mãe! — Ciara, a caçula deles reclamou, e meu pai gargalhou.

— Para de querer roubar minhas netas, fadinha.

— Só quando largar do meu pé, *rockstar de merda!*

Gargalhei alto, tomando um pouco de suco em seguida, sentada no sofá, assistindo a toda aquela cena. Os anos passavam, e nada entre eles parecia mudar. Sequer a troca de apelidos ficara de fora. Eu amava a nossa grande família 93 million miles.

Para onde olhasse, estávamos abarrotados. Os gêmeos de Nick e Selenia causando anarquia, enquanto os pais tentavam relaxar um pouco. Valerie e meu pai se bicando como sempre, e minha mãe com Tim rindo de toda a situação. Gabe e Jessica conversavam com Hope, que felizmente parecia se inteirar na família, e sorri animada para a cena.

— Acorda, mamãe urso! — Pen praticamente gritou, jogando-se ao meu lado. — Eu amo os *mesversários* delas.

— Eu estou a ponto de pirar. — confessei e ela me olhou

enigmaticamente.

— Quem mais, além de eu e Hope sabe?

Dei de ombros, bebendo mais um pouco do suco.

— Não contei a ninguém, nem mesmo para Damien. — Pen arregalou os olhos. — Eu sei, ele vai comer meu fígado. Mas ele ia contar para Mary, que com toda certeza soltaria para Joshua. Não podia correr esse risco.

— Está mesmo séria, não é? — perguntou e notei seus olhos marejados. — Quando foi que a gente cresceu?

Sorri para a mesma e deixei a resposta pairar no ar. A campainha soou e já ia me levantar para atender quando Hope tomou a dianteira e foi mais rápida. Sempre me ajudando... Ela era uma mulher incrível. De repente Pen me cutucou e a encarei sem entender, ela me indicou com o ombro a entrada, e fiquei surpresa com a cena.

Hudson e Hope se encararam por mais de um minuto, parecendo perdidos em seu próprio mundinho. Olhei para Pen, que tinha um sorriso enorme no rosto, com todas as engrenagens românticas funcionando. E de alguma forma, a minha mente também o fazia. Torcia pela felicidade de Hope, como fosse.

Levantei-me assim que Hudson adentrou a sala e o cumprimentei. Não poderia negar, o cara era muito bonito e um ótimo partido. Notei outras pessoas chegando e o deixei conversando com Pen, enquanto era puxada para um abraço fervoroso com Damien. Sentia falta dele.

— Senti sua falta, pirralha! — falou, e deixou um leve beijo em minha testa.

Logo vi Mary, que trazia a filha deles no colo. Destiny era tão linda, que toda vez que a via, sentia meu coração pular do peito.

— Lizzy. — dei um abraço em Mary.

— Oi tia. — sorri para ela. — E olha só, a melhor amiga dos meus pedacinhos chegou. — toquei a testa de Destiny, que dormia tranquilamente. — Uma amiga nada bagunceira.

— Ainda bem. — Damien entrevistou e sorri para ele. — Aliás, quando vão nos visitar em Montpelier?

— Em breve, prometo. — fiz um sinal com a mão e ele bateu. — Para de ser idiota.

— Pirralha!

Algumas coisas não mudavam.

— Onde Josh está? — Mary perguntou, enquanto caminhava comigo até o sofá, ainda com a filha no colo.

— Deve ter se perdido no próprio quarto. — debochei e ela gargalhou olhando para algo atrás de mim. — Que foi?

— Sempre falando de mim, menina.

Senti dois braços fortes contornarem minha cintura e logo um beijo demorado em meu rosto.

— Nunca vou me cansar disso. — Penelope falou, desviando a atenção de Hudson.

— Como assim? — perguntei perdida.

— Vocês dois, minha meta de casal da vida! — suspirou pesadamente. — Preciso encontrar algum irmão, primo ou parente de Joshua por aí. Urgente!

Joshua gargalhou em meu pescoço, mas logo o senti se afastar. Virei-me para ver onde ele ia, e o vi se aproximar de meus familiares, que agora também eram seus, e os cumprimentar. Joshua fazia parte daquilo, e enchia meu coração, poder proporcionar a ele momentos assim. Ele merecia.

— Lizzy.

Aquela voz...

Virei-me rapidamente e George estava ali, parado no meio da sala, encarando-me em expectativa, mas claramente acanhado. De repente um silêncio constrangedor se formou e bufei.

— Cuidem de suas vidas. — provoquei e todos gargalharam.

— *Eu adoro sua menina.* — *Jess comentou e só ouvi minha mãe gritar: — Ela é a melhor!*

Voltei minha atenção para George, e sorri para o mesmo. Quanto tempo não nos víamos? Uma saudade esmagadora me atingiu, pois nunca fiquei tanto tempo longe de alguém que amava. Eu o queria de volta em minha vida.

— Ursinho. — provoquei e logo a expressão de seu rosto suavizou. — Vai ficar só olhando ou vai me abraçar?

Ele então veio até mim, e me envolveu em seus braços. Naquele momento, senti-me em paz. A família 93 million miles estava completa.



O *parabéns* para as pequenas fora cantado, e em meio a emoção de todos os olhos e do seio da minha família ali, decidi que chegara a hora. Respirei fundo, e com Lana em meu colo, sorri, ao ver a cópia dela no colo do pai. Aquele era o momento certo, eu sabia. E por mais que fosse contra todo os roteiros românticos, queria fazê-lo daquela forma. Do meu jeito.

— Eu queria dizer algumas palavras agora. — aumentei o tom da voz, e todos me encararam. — Bom, se me perguntassem a um ano atrás o que desejava para vida, minha realidade de hoje, sequer chegaria perto. Mas, aprendi que há coisas na vida, que estão fora de nosso controle e simplesmente, estão destinadas a acontecer. Não sou uma pessoa fácil, sabem muito bem disso...

— Joshua é um santo por te aguentar, Lizzy. — Pen provocou e todos gargalharam.

— Isso é um fato. — dei de ombros sorrindo. — Mas como também sabem, não gosto de romantismo clássico, além de que, tenho uma mãe que arrasa em mudar os clichês. — pisquei para minha mãe que me encarou com os olhos arregalados.

Virei-me para Joshua que me dedicava toda sua atenção, claramente alheio ao que eu faria. Levei uma mão para o bolso de minha blusa larguinha, que disfarçou bem a caixinha escondia ali.

— A gente se apaixonou de primeira, e foi a coisa mais aterrorizante que já me aconteceu. — comecei a falar e a expressão dele se modificou. — Mas tive medo até o momento em que confessei que te amava, perdidamente. E quero te amar pelo resto de nossas vidas...

Tirei a caixinha do bolso e um sonoro “ah” foi ouvido.

— Menina...

— Poderia me ajoelhar, mas quero fazer isso junto a elas. — sorri, indicando nossas bebês no colo. — Joshua Collins, aceita se casar comigo?

Ele sorriu abertamente e um silêncio se formou.

— Deus, mulher! Custava esperar o fim da noite para que eu pudesse fazer o pedido? — perguntou e foi minha vez de ficar surpresa. Por saber que até para o pedido de casamento, nós estávamos em sintonia. — É claro que aceito. Eu te amo, minha menina insolente.

Ele então uniu nossos lábios, e palmas, assovios e gritos foram

ouvidos. No meio de toda aquela bagunça, estando em seus braços, nada mais importou. Éramos nós, para sempre. E sabia que naquela noite, tanto eu quanto ele diríamos “sim”... milhares de vezes pelo resto de nossas vidas.

Epílogo

“Um dia, você vai aprender uma coisa que não pode ser explicada pela ciência. E quando isso acontecer, sua vida vai mudar de uma maneira que você não pode sequer imaginar.”^[25]

O caminho de cada um não pode ser determinado de forma fácil. Muito menos, quando se acredita fielmente que algo está destinado a acontecer. Elizabeth soube que as coisas em sua vida não seriam mais as mesmas quando seu olhar encontrou o de Joshua, e sentiu que ele poderia lhe levar ao céu. Mal sabia ela, que não seria apenas uma atração, uma noite... Era para toda a vida.

Joshua suava frio no terno sob medida. Em sua mente, repassava a cada segundo os acontecimentos dos últimos dois anos. Respirou fundo, no momento em que os homens de família de Elizabeth, que se tornaram a sua, adentraram o cômodo. Luke Willians o encarou com orgulho, e aquilo fez com o que coração do homem batesse ainda mais forte. Tinha encontrado seu lugar no mundo. E com toda certeza Clint se orgulharia de quem ele era.

— Ela parece uma princesa. — Luke falou emocionado, e Joshua tentou conter os nervos. — É difícil, não é?

— Mais do que imaginei.

Ele resguardou um sorriso, tentando entender o próprio nervosismo. Já morava com Elizabeth há mais de dois anos, tinham duas filhas lindas e uma relação incrível. Porém, o medo de ela fugir do altar ainda o atormentava. Talvez se devesse ao fato de que a amava além do imaginou ser capaz. Um sentimento que explodia em seu peito. A amava, respeitava, honrava... e a partir daquele dia, teria mais uma confirmação de cada voto nunca dito em voz alta, mas jurado em todas suas noites de amor.

Quando finalmente se encaminhou para o altar, a cerimônia simples lhe mostrou todo seu charme, montada no gramado da casa onde Elizabeth crescera. Seu peito quase explodia de ansiedade e tentou se acalmar, quando finalmente se postou a frente do juiz de paz. Os minutos passaram, e sua mente girou, lembrando-se de cada momento vivido ao lado de Elizabeth.

Eles cresciam juntos a cada dia, e o seu orgulho pela mulher que amava, apenas aumentou. Ela voltara a faculdade, e se virava em mil, para conseguir dar o melhor em cada parte da vida. Ele sequer conseguia entender como ela conseguia.

Uma música tomou conta do ambiente e ele levantou o olhar,

paralisando no mesmo instante. A cerca de vinte passos dali Elizabeth apareceu, vestida de branco e com um sorriso enorme no rosto. Sem conseguir se conter, assim que ela dera o primeiro passo, as lágrimas de Joshua desceram com força. A cada passo, uma batida de seu coração falhava.

Um passo... a mulher que amava vinha.

Outro passo... ela o encontrava

Mais um... e sua menina o teria para sempre.

E ela o fez, ao lhe entregar a mão e lhe trazer para perto.

Minutos depois, suas outras duas razões de viver entraram pelo mesmo caminho de pétalas brancas, sorrindo abertamente para os parentes e amigos. Hilana e Kamila Collins eram seus maiores tesouros. Quando chegaram perto dos pais, lhes entregando as alianças, tanto Elizabeth quanto Joshua trocaram um olhar cheio de significados. A escolha daquele amor já havia sido feita há muito tempo, eles sabiam. Eles se pertenciam muito antes de saberem. A conexão era forte demais para apenas um momento, e por aquilo, se marcariam para sempre, como pedaços de um só. Pedaços de um amor provocado pelo destino e pela escolha de dois corações.

Fim

Recadinho

Chegamos ao fim da história de mais um casal! Joshua e Lizzy deixarão saudade... Mas quem ficou curioso a respeito do destino de Pennelope e George?

Marcado... por Pennelope.

Pois é, o terceiro spin-off da série 93 million miles falará dos dois e fechará o ciclo dessa família. Ansiosas? Espero que sim!

A respeito de nossa querida Hope, ela ganhará seu próprio livro, mas será independente desse, e contará sua história até o final feliz. Uma mulher que o merece, não é?

Fiquem ligadinhas a respeito de tudo, basta me acompanhar nas redes sociais (os links estão abaixo).

Muito obrigada por ler!

Aline Pádua

Contatos da autora

[Wattpad](#) - [Facebook](#) - [Grupo](#) - [Página](#)
[E-mail](#) - [Site](#) - [Spotify](#)

Até a próxima!

^[1] “Você e eu e mais ninguém
Sentindo coisas que eu nunca senti
O jeito que você me colocou sob o seu encanto
Não guarde tudo pra você.”
Touch – Little Mix

^[2] Montpelier é a capital do estado norte-americano de Vermont, no Condado de Washington.
Fonte: Wikipédia.

^[3] “Você, você ama o jeito que eu te mexo
Você ama o jeito que eu te toco
Meu amado, no fim das contas
Você acreditará que Deus é uma mulher.”
God is a woman – Ariana Grande

^[4] “Eu não sou uma pecadora
Ele não era o cara certo
Não tinha ideia do que iríamos nos tornar
Não há arrependimentos
Eu só pensei que fosse ser divertido.”
Heaven – Julia Michaels

^[5] Tradução para o português: E não vou te negar!

^[6] José Álvaro Osorio Balvín, conhecido simplesmente como J Balvin, é um cantor, compositor e dj colombiano de reggaeton. Fonte: Wikipédia.

^[7] Nick Rivera Caminero, conhecido pelo nome artístico de Nicky Jam, é um cantor e compositor norte americano. Ele é mais conhecido por sucessos como "Travesuras", "Te Busco", "El Perdón", "Hasta el Amanecer", e "El Amante", os três últimos de seu álbum Fénix.

^[8] “Estamos claros, hey ya (hey ya, hey you)
Não vou te negar isso (haha, não posso te negar isso)
Estamos claros, hey ya (haha, estamos claros, estamos claros)
Deixe-me pegar você, baby
Beijos no pescoço para apagar a sede
Minha mão em seu quadril para começar como é
Não vamos nunca mais descer mãe (não)
Ba-ba-ba-ba-baila
Plakata, plakata
Como ela o move, sem parar, sem parar
O desejo de comer você agora é mais forte
Eu quero ter você.”
X (equis) – Nicky Jam e J Balvin

^[9] “Eu te olho, e se me corta a respiração

Quando você me olha, fico com o coração na minha garganta
(Bate devagar meu coração)
E no silêncio o seu olhar disse mil palavras
A noite na que imploro que não nasça o sol.”
Bailando – Enrique Iglesias feat. Descemer Bueno e Gente de Zona

[10] “Me deixe parar de tentar
Me deixe parar de lutar
Eu não quero o seu bom conselho
Ou razões pelas quais eu estou bem.”
You Don’t Know – Katelyn Tarver

[11] “E você me pegou tipo, oh
O que você quer de mim?
(O que você quer de mim?)
E eu tentei comprar o seu coração bonito
Mas o preço é muito alto.”
Love on the brain – Rihanna

[12] “Antes de te conhecer, nunca me senti suficientemente bem
Antes de eu deixar você entrar, eu já desisti
Deixado em leitura, sem resposta
Deixou-me apenas perguntando por quê
Agora eu sou cético do amor.”
Boys Like You - Anna Clendening

[13] “Ilumine uma porta aberta
Dividirei amor e vida
Dê meia volta, preciso mais de você
Sinta as palpitações na minha cabeça
É como me sinto não dá para negar
Mas tenho que deixar ir.”
We found love – Rihanna feat Calvin Harris

[14] Chicago é a cidade mais populosa do estado de Illinois, nos Estados Unidos. Fonte: Wikipédia.

[15] Amor, amor, eu me sinto como se estivesse louco
Acordado a noite toda, a noite toda e todos os dias
Peço que me dê alguma coisa
Oh, mas você não diz nada
O que está acontecendo comigo?”
Don’t wanna live forever – Taylor Swift feat. Zayn

[16] Canção originalmente da banda Capital Cities, 2013. Álbum In a Tidal Wave of Mystery.

[17] “Eu tenho inveja das noites
Que eu não passo com você
Eu me pergunto ao lado de quem você deita
Oh, eu tenho inveja das noites
Eu tenho inveja do amor
O amor que estava aqui

Dado para outra pessoa compartilhar.”

Jealous - Labrinth

[18] Sioux Falls é a cidade mais populosa do estado americano da Dakota do Sul. Fonte: Wikipédia.

[19] “Querido, eu estive com medo

Eu só conseguia chamar o seu nome

Graças aos céus que você ficou, ooh

Mas se eu estiver te dizendo a verdade

Quando eu cortei a corda

Era eu

Salvando você.”

Smoke & Mirrors – Demi Lovato

[20] “E agora todo esse tempo

Está passando

Mas eu não consigo dizer-lhe por que

Dói cada vez que eu te vejo

Percebo o quanto eu preciso de você.”

I Hate U, I Love U – Gnash feat. Olivia O'brien

[21] “Ah não, lá vamos nós de novo

Brigando por causa do que eu disse

Me desculpe

Sim, me desculpe

Sou péssima no amor, não, não sou boa nisso

Mas não posso dizer que sou inocente

Não mesmo

Mas estou arrependida.”

Tell me you love me – Demi Lovato

[22] “É melhor reconhecer que isso não é um acidente

Você entende melhor, meu amor é magnífico

Eu espero que você sinta também, tão fora do comum

Eu sei quando as coisas são novas, elas podem ser meio assustadoras

Você pode pesquisar em todos os lugares

Mas apenas saiba que sou raro.”

Rare – Ruth B.

[23] “Então vamos deixar os vizinhos bravos

No lugar que sentimos as lágrimas

No lugar para se perder os medos

Yeah, comportamento imprudente

Um lugar que é tão puro, tão sujo, tão bruto

Ficar na cama o dia todo, cama o dia todo, cama o dia todo

Transando e brigando

É nosso paraíso e nossa zona de guerra.”

Pillowtalk – Zayn

[24] “Você já me conquistou, independente da minha vontade

Não se assuste se eu me apaixonar da cabeça aos pés
E não fique surpreso se eu te amar por tudo que você é
Eu não pude evitar
É tudo culpa sua.”
Head Over Feet – Alanis Morissette

^[25] Citação do escritor estadunidense, Nicholas Sparks.

Table of Contents

[Sumário](#)
[Sinopse](#)
[Nota da autora](#)
[Playlist](#)
[Prefácio](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Epílogo](#)
[Recadinho](#)
[Contatos da autora](#)